



TÁTA NGANGA KAMUXINZELA

FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS & A MACUMBA BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos de minha carreira magística eu venho me debruçando sobre os PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Em 2014 eu comecei a delinear um projeto com poucas pretensões chamado *Curso de Filosofia Oculta*. Eram alguns escritos aleatórios sobre os primórdios da magia que vemos delineada e estabelecida nos grimórios medievais. Esse projeto me levou diretamente aos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, que são a gênese e o coração dos sistemas de magia que apareceram posteriormente nos grimórios da Idade Média. Em 2017 eu já estava com bastante material consolidado sobre o tema, quando decidi expandir o projeto em um seminário on-line com a previsão de cinco anos de estudo, o primeiro ano completamente dedicado ao aprofundamento e a prática da feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

Com a minha imersão na Quimbanda logo após dar início a esse projeto, tive de interrompê-lo. Engavetei tudo e espero uma oportunidade no futuro de dar continuidade ao seminário on-line. Mas na medida em que fui adentrando a Quimbanda comecei a enxergar uma similaridade profunda entre a feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e a macumba brasileira. Prefiro utilizar esse termo, *macumba brasileira*, porque o que encontramos nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS possui ressonância nas práticas de feitiçaria não só da Quimbanda, mas da Umbanda, do Catimbó, dos cultos de nação e outras tradições afro-brasileiras. Então na designação *macumba brasileira* se enquadram todas as tradições de feitiçaria brasileira cujo corpo de práticas mágicas são muito semelhantes àquelas encontradas nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

Nas edições da *Revista Nganga* eu fiz uma introdução sobre a profunda influência da feitiçaria popular ibérica e tradição erudita dos grimórios na Macumba, Umbanda e Quimbanda. Na edição 3 eu demonstrei como toda herança da magia greco-romana da Antiguidade escoou para Europa, sendo preservada de muitas maneiras pelas práticas populares de feitiçaria, que sincretizou as crenças mágicas folclóricas regionais e o cristianismo, produzindo o tipo de exercício magístico típico da tradição cipriânica popular. Então a ponte que conecta a macumba brasileira a feitiçaria da cultura greco-romana da Antiguidade são as tradições de magia europeias (fundamentalmente a tradição cipriânico-fáustica) que a influenciaram desde o período

colonial. É através da herança mágica europeia que herdamos também o conhecimento mágico do Mundo Antigo na macumba.¹

Um exemplo dessa influência mágica e ponte temporal entre a macumba brasileira e os PAPIROS MÁGICOS GREGOS são as técnicas de magia amatória: amarração amorosa, adoçamento amoroso ou a dominação sexual. Eu fiz uma postagem recente no Instagram ressaltando essa conexão, que reproduzo abaixo:

Magia amatória é o nome técnico que se dá tradicionalmente a *magia amorosa* e suas derivações práticas como *amarração*, *adoçamento*, *dominação sexual* etc. Junto com as fórmulas mágicas para destruição e para conquistar riqueza, influência, poder e sucesso, a magia amatória consta entre os feitiços mais antigos da história da magia como àqueles encontrados nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Em inúmeras publicações eu venho chamando a atenção - e criando uma ponte temporal - entre os feitiços da macumba brasileira e as fórmulas mágicas dos papiros gregos.

Ocultistas de modo geral costumam ter um olhar depreciativo sobre a amarração amorosa, e com eles de mãos dadas andam umbandistas *docinho de coco* e puritanos. Mas a verdade é que a amarração amorosa não é algo tão negativo como costumam espalhar. Não se trata de uma fórmula para destruir a vida de alguém ou fechar seus caminhos. Ao contrario disso, a amarração visa *despertar* sentimentos, emoções e desejos de carinho, amor e, fundamentalmente, sexo.

Uma das fórmulas mágicas mais procuradas na Quimbanda junto com destruições e a conquista de riqueza e sucesso é a magia amatória, mais especificamente as técnicas de amarração. E existe também uma dúvida genuína se essas técnicas funcionam efetivamente. Bom, não dá para desenvolver uma resposta a essa indagação de forma profunda aqui, até porque isso envolve o entendimento de aspectos técnicos da magia. Mas dá para pontuar algumas questões que ajudarão não apenas a entender a amarração, mas também confiar na sua efetividade.

As fontes mais antigas sobre a amarração atestam que para seu funcionamento efetivo ocorrer - e isso é corroborado pelas Pombagiras da Quimbanda - deve existir uma *liga* (termo que os gregos usavam para descrever o processo),² uma conexão real que na Quimbanda optamos por chamar de *linha de trabalho*. Essa *liga* fundamental pela qual uma amarração amorosa funciona - e sem a qual ela não funciona de modo algum - é: a pessoa *amarrada* deve nutrir sentimentos de amor, carinho ou paixão verdadeiros por àquele que encomenda a amarração.

¹ Para uma introdução concisa sobre o encontro do imaginário bíblico e greco-romano antigo, europeu medieval com o imaginário africano no Brasil e a confluência cultural que nasceu desse encontro na iconografia de Exu e Pombagira veja Tadeu Mourão. ENCRUZILHADAS DA CULTURA: IMAGENS DE EXU E POMBAGIRA. Aeroplano Editora, 2012. De Humberto Maggi veja o artigo *A Gnose do Diabo* em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018. De Humberto Maggi veja também RAINHAS DA QUIMBANDA. Via Sestra, 2020. O tema dessa intensa confluência cultural foi discutido na *Revista Nganga* Nos. 1, 2 e 3. Eu venho chamando a atenção ainda para a profunda similaridade entre as fórmulas mágicas dos papiros e a feitiçaria africana. O conhecimento arcano e mágico do Egito escoou para as diversas tribos africanas após o colapso de sua civilização. Essa é outra ponte de conexão entre a Quimbanda e os PAPIROS MÁGICOS GREGOS, porque as técnicas de magia egípcias foram preservadas pelas tribos africanas, o que influenciou profundamente os cultos afro-brasileiros. Através da influência cultural africana nós herdamos as fórmulas mágicas de magia do Egito. Qualquer entendedor de magia egípcia encontra essa conexão ao avaliar a feitiçaria africana e afro-brasileira. Nós iremos explorar esse tema nas edições da *Revista Nganga*.

² Christopher A. Faraone. ANCIENT GREEK LOVE MAGIC. Harvard University Press, 1999. Lindsay C. Watson. MAGIC IN ANCIENT GREECE AND ROME. Bloomsbury Academic, 2020. O *ethos* da magia amatória tradicional grega é bem diferente dos feitiços apresentados nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, o que apavorou o mundo acadêmico por muito tempo. Veja também de Lindsay C. Watson o artigo *The Violence of Ancient Magic*. Interessante fazer um paralelo: desde a Antiguidade a magia, a goécia e a teurgia são temas de disputados debates filosóficos, religiosos e teológicos, sendo a goécia a feitiçaria de tipo inferior e a teurgia a magia de tipo superior, de inclinação mística. Grande parte dos feitiços encontrados nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS são considerados de tipo inferior (goécia), embora nem todos, porque há teurgia neles também. São esses feitiços de tipo inferior os considerados similares ao tipo de feitiçaria que encontramos na macumba brasileira.

Então antes de procurar um *kimbanda* para fazer uma amarração, você deve ter a certeza absoluta de que a outra parte nutre sentimentos profundos e verdadeiros por você. Do contrário você poderá ser enganado e sair desse processo completamente frustrado. Por esse motivo sempre é necessário consultar o oráculo para ver se existe realmente a possibilidade da amarração dar certo, para verificar a *linha de trabalho* que possibilitará a efetividade da amarração.

Tecnicamente, a amarração amorosa trabalha sobre o que existe de real e verdadeiro entre um casal. Sentimentos antigos, amor, paixão ou carinho passados, não são o suficiente para que a conexão entre ambos seja reestabelecida. Dentro da parte *amarrada*, nos seus sentimentos mais profundos, deve existir a possibilidade de cura e ajuste da relação. É esse sentimento que a amarração procura revigorar no interior da parte *amarrada*. Se não existe mais nada, apenas lembranças distantes, então dificilmente a amarração irá funcionar. A amarração será como um anzol que fisgará o peixe, mas ele tem de estar com fome.

É a *dominação sexual* dentro das fórmulas mágicas no escopo da magia amatória que, tecnicamente, utiliza meios *violentos* para criar desejos e apetites sexuais, o que é bem diferente de amarração. É preciso pontuar essas diferenças técnicas porque sem critério algum os puritanos de modo geral acusam a amarração de magia maléfica, o que não é o caso. A amarração *desperta* e *revigora* o amor e o desejo que já existem; a dominação atua por meio de efígies diversas que são consagradas em nome da vítima e então torturadas, enforcadas e espetadas para que elas sejam coagidas magicamente. Diferente da amarração, a dominação sexual não trabalha sobre sentimentos que já existem ou já existiram. Ela visa coagir magicamente a vítima despertando desejos que ela não possui naturalmente, ou pelo menos não possui mais.

No Mundo Antigo essas eram as técnicas e fórmulas mágicas mais utilizadas a fim de despertar desejos e apetites sexuais nas vítimas, e nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS encontramos várias. As efígies construídas para amarração amorosa não são torturadas, mas unidas carinhosamente ao seu parceiro, buscando despertar a chama do amor que existe entre eles.

No escopo total de técnicas mágicas distribuídas nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, pelos menos 40% são dedicadas as fórmulas de dominação sexual da magia amatória. Essas técnicas são conhecidas por sua brutalidade e violência contra as vítimas, motivadas sempre por ímpetos egoístas de domínio e gratificação sexual. E isso não muda na macumba brasileira: a grande maioria dos consulentes que procuram por esse serviço mágico é motivada por pura gratificação sexual, hedonismo, narcisismo e egoísmo.³ É interessante notar que quando nos debruçamos sobre esses feitiços dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS que utilizam efígies consagradas em nome das vítimas, encontramos uma similaridade muito profunda com as técnicas de feitiçaria da macumba brasileira com a utilização de *ex votos* diversos: cabeças, pés, mãos, pênis e vagina, bonecos etc. de cera, tabatinga ou farinha. Em adição, uma das especialidades da Quimbanda Nàgô é justamente esse tipo de prática: a utilização de efígies envoltadas para diversos tipos de feitiços.

Um dos feitiços mais violentos de dominação sexual dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS (PGM IV) descreve a confecção de uma efígie de barro ou cera que deve ser perfurada com pregos em treze partes do corpo, incluindo orifícios. O objetivo do feitiço é garantir que a vítima não tenha interesse em outro

³ Essa sempre foi uma característica indelével desse tipo de serviço mágico. Veja por exemplo o artigo *Love Magic and Rape Drugs in Late Medieval Italy* de Marlisa den Hartog para uma contextualização do tema na Idade Média.

homem além daquele que o encomendou, causando dor e sofrimento até que ela o procure. Na década de 1970 foi encontrada uma efígie de argila espetada, hoje disponível no Louvre (E27145b), confeccionada nas especificações exatas do feitiço mencionado no PGM IV.⁴



Efígie de argila. Louvre E27145b.
© Marie-Lan Nguyen/Wikimedia Commons.

Os feitiços de dominação sexual dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS têm o objetivo de infligir agonia física e mental em suas vítimas até que elas se submetam a vontade e ao domínio do conjurador, permanecendo em um estado de servidão sexual. Os feitiços na macumba brasileira de dominação sexual são construídos e praticados exatamente da mesma maneira como os que encontramos nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Outras práticas da macumba brasileira também têm a mesma similaridade como o banho de praga, onde se utiliza efígies ou fotos de pessoas perfuradas nos olhos, nariz, ouvidos e boca na intenção de terem seus sentidos comprometidos para receberem passivamente a carga enviada.

O que são de fato esses PAPIROS MÁGICOS GREGOS? Trata-se de uma coleção de textos escritos por diversos autores, presumidamente magos e feiticeiros herméticos greco-egípcios entre os Sécs. I e VII d.C. Podemos resumir os PAPIROS MÁGICOS GREGOS como o *corpus magicae* (corpo mágico) do que se conveniu chamar de tradição hermética de mistérios. A descoberta desses papiros no Séc. XVIII, bem como a descoberta das tábuas de maldição (*defixiones*), causaram um alvoroço no mundo acadêmico, porque elas refletiam as práticas populares e mágicas da cultura greco-egípcia e estavam muito longe dos estereótipos idealistas construídos pelos acadêmicos acerca dos gregos, sua erudição e alta cultura. Para os magos hermetistas de modo geral, a descoberta dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS equivale a descoberta dos MANUSCRITOS DO MAR MORTO para os estudiosos do Judaísmo e da BIBLIOTECA DE NAG HAMMADI para os estudiosos do gnosticismo. As construções acadêmicas acerca da racionalidade dos gregos e a concepção da filosofia aristocrática contrastava com o material dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, que trouxeram um conteúdo alarmante e a evidência de que os gregos estavam profundamente envol-

⁴ Lindsay C. Watson. *The Violence of Ancient Magic*.

vidos com a crença religiosa em magia e feitiçaria, o reflexo de uma baixa cultura.

Como demonstrarei na seção que segue abaixo, os PAPIROS MÁGICOS GREGOS são a gênese de tudo o que nós conhecemos no Ocidente como a *arte da magia*. Nós podemos considerá-los a primeira coleção de textos mágicos sobre a prática de uma magia pancultural que incluía um profundo sincretismo das crenças mágicas e religiosas do Mundo Antigo. Se não fosse por essa gênese, por esse berço, nada do que encontramos nos grimórios medievais seria possível existir.

O texto que agora disponibilizo foi retirado do *Curso de Filosofia Oculta (Módulo 1: Magia na Antiguidade)* com a finalidade de apresentar aos *kimbandas* e *macumbeiros* do Brasil um pouco sobre os PAPIROS MÁGICOS GREGOS e sua importância na formação da identidade mágica do Ocidente. Como eu sempre faço referências diversas aos papiros comparando-os as práticas da macumba brasileira, estou sempre recebendo perguntas sobre eles. Eis aqui a minha resposta a essas perguntas, cujo objetivo é esclarecer o que são PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

Na Seção I, *Os Papiros Mágicos Gregos & a Gênese da Tradição Hermética* será feita uma introdução ao material que compõe os papiros e suas influências, bem como sua importância na formação da identidade mágica do Ocidente na gênese do que ficou conhecido como *tradição hermética de mistérios*. Essa seção é especialmente importante porque ela fornece a estrutura de conhecimento necessária para os estudos que virão nas próximas edições sobre o desenvolvimento da tradição dos grimórios.

A Seção II, *O Paredros dos Papiros Mágicos Gregos & o Exu Tutelar da Quimbanda* é dividido em três subseções: *A Doutrina Soteriológica do Paredros* trata do papel fundamental do espírito tutelar na deificação da alma do feiticeiro, e também da busca – ou fórmula mágica – universal do mago, quando comparamos a jornada do feiticeiro e do xamã a jornada de desenvolvimento do *kimbanda*. *O Paredros nos Papiros Mágicos Gregos* é uma avaliação direta das dez conjurações em que ele é apresentado nos papiros, examinando as fórmulas mágicas pelas quais ele é convocado, abjurado e compelido a ajudar o feiticeiro. Essa subseção é interessante porque será possível inferir a profunda similaridade entre as práticas de feitiçaria dos papiros e àquelas da macumba brasileira, muito embora uma comparação direta seja estabelecida. *O Paredros & o Exu Tutelar* é uma comparação mais estreita entre o *paredros* e suas funções nos papiros, e o Exu na Quimbanda. Nessa subseção teremos a oportunidade de ver mais de perto o que é a *goécia* grega do período clássico e como era a relação estabelecida com os mortos naquela época, enriquecendo o estudo da última edição onde abordamos o mesmo tema em Roma no período da Antiguidade tardia.

SEÇÃO . I .

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS & A GÊNESE DA TRADIÇÃO HERMÉTICA

A magia como compreendida na tradição hermética de mistérios (THM) é rastreada em documentos que datam dos cinco primeiros séculos d.C. O â-mago das ideias herméticas era a cidade de Alexandria no Delta do Nilo. Foi em Alexandria que todo o furor de confluência entre as culturas grega (helênica) e egípcia mais poderosamente se estabeleceu. Outro importante núcleo de confluência entre essas culturas foi à cidade de Faium, no Médio Egito.

A fonte mais importante de estudo para a prática do que conveniamos chamar de *magia hermética* são uma coleção de escritos conhecidos como PAPIROS MÁGICOS GREGOS. No entanto, essa coleção de textos não pode ser classificada, pelo menos não em toda sua integridade, como sendo *hermética* no sentido filosófico ou teológico, tecnicamente falando. A THM foi uma gradual *intelectualização* – ou *espiritualização* – dos Arcanos da Iniciação. Na medida em que os hermetistas, quer dizer, iniciados na THM, se aproximavam de seus objetivos e metas espirituais, suas técnicas se tornavam progressivamente mais focadas e baseadas na utilização de símbolos e na linguagem do hermetismo. No entanto, nos primeiros estágios da iniciação hermética, suas técnicas são mais ecléticas, práticas e operacionais.

A palavra *hermética* busca suas raízes no nome de Hermes, a versão grega do *neter* egípcio Thoth. O deus Thoth ou o Hermes Trismegistos, o *Três vezes Grande*, é a figura principal da THM. Ele é o arquétipo que amalgama toda tradição de magos egípcios, gregos, fenícios, babilônios, persas e hebreus.

Em suas origens, a THM formou-se a partir de dois núcleos:

- O núcleo Indo-Europeu, constituído fundamentalmente pela cultura helênica;
- O núcleo Hamítico-Semita, constituído fundamentalmente pela cultura egípcia.

A THM é uma confluência entre estes dois núcleos culturais em um contexto pagão. Essa síntese, no entanto, inspirou e continua a inspirar inúmeras Escolas Herméticas de Mistérios até hoje, constituindo uma amalgamação de tradições muitas vezes distintas sob a alcunha de THM.

Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS podem, no entanto, ser classificados como *herméticos* no sentido em que são exemplos de magia prática operacional e o Deus Thoth (Hermes) seu patrono mais importante. Isso está sendo frisado novamente porque o leitor deve considerar a importância de Hermes Trisme-

gistos ser o *padrinho espiritual* dessa coleção de papiros mágicos, o que é fundamental para localizá-los no tempo.

AS RAÍZES HELÊNICAS

Nós convenientemente chamamos de Indo-Europeus os descendentes de uma grande massa de pessoas que baseiam sua linguagem em uma proto-língua comum e adoram um panteão de deuses e deusas também comuns. O assentamento primordial dessa grande massa de pessoas foi em algum lugar ao Norte dos Mares Negro e Cáspio pelo menos 6000 anos atrás. Um núcleo dessa cultura se estabeleceu ao Sul da Península Balcânica onde hoje é a Grécia por volta de 1900 a.C. O outro núcleo dessa cultura formou os povos germânicos, eslavos, celtas e italianos. Os mais notáveis entre os italianos foram os romanos. Os Indo-Europeus ainda chegaram no Centro e no Sul da Ásia, onde denominaram-se Iranianos e Arianos.

Os Indo-Europeus primordiais dividiam sua cosmovisão (metafísica, teologia e mitologia) em três níveis ou partes: os deuses de poder soberano, os deuses de poder físico, combate e guerra e os deuses de poder generativo. O poder soberano dos deuses se expressava de duas maneiras: através de um deus que rege as leis divinas e a ordem (e os gregos o chamaram primeiro de Zeus e algum tempo depois de Apolo); e através de outro deus que rege as leis da magia e os poderes da mente. Este outro deus em seus primórdios é Hermes, mas depois seus atributos foram absorvidos por outros deuses e deusas, incluindo Apolo e Dionísio. Hermes (Thoth) é ainda o inventor da escrita e da comunicação, patrono destas artes.

A cosmovisão dos Indo-Europeus mantém essa divisão teológica trina em todos os seus núcleos de manifestação e seu politeísmo é funcional. Na Índia, por exemplo, as três classes de sacerdotes, guerreiros e agricultores reflete a natureza teológica da crença Indo-Europeia. Esse modelo se estende dos núcleos ítalo-céltico no extremo oeste ao indo-iraniano no extremo leste:

	Índia	Irã ⁵	Roma	Germânia
Deuses Soberanos	Mitra-Varuna	Mitra-Ahura	Júpiter	Odin
Deuses de Guerra	Indra	Vāyu e Indra	Marte	Thor
Deuses Generativos	Nasatya/Ashvin	Anahita/Nahaitya	Quirino	Freyr

O Hermes grego é o mesmo Mercúrio dos romanos. Deus da comunicação e da palavra, da sagacidade e do intelecto, ele era o psicopompo, encarregado que levar as Almas desencarnadas aos reinos além da terra. A magia de Hermes ou a *magia hermética* é, dessa maneira, baseada na capacidade intelectual do homem, pois a mente é capaz de compreender os símbolos e arranjar-los em estruturas organizadas de mundos e planos. A Hermes é atribuída a qualidade de sintetizar os conteúdos dos dois hemisférios cerebrais,

⁵ Antes de Zaratustra.

estabelecendo entre eles uma comunicação harmônica através de palavras, símbolos, gestos, posturas, música etc.

Hermes é o modelo ideal de paradigma helênico. O termo *helenismo* tem sido motivo de debates e controvérsias, pois a ele é atribuído significados diversos. No entanto, a maioria dos autores e estudiosos acadêmicos concordam que a cultura helênica é definida por buscar harmonizar um conjunto amplo de elementos culturais de povos conquistados por Alexandre Magno (365-323 a.C.) em seu escopo. Os gregos procuravam equilibrar culturalmente os elementos mais exóticos das civilizações que eles travavam contato, desde a região do Egeu (civilização minoana), Anatólia, Pérsia, Hebreus-Canaanitas, Mesopotâmia e Egito. Isso só foi possível através da *intelectualização* representada pelo arquétipo de Hermes.

E foi este espírito arquetipal de Hermes que os gregos trouxeram ao Egito. Este espírito confrontou os deuses e deusas do Egito e a magia animista praticada em nome deles, criando uma síntese entre as culturas egípcia e grega, o que deu nascimento a tradição hermética de mistérios (THM). Mas sempre existiu certa distinção entre o Hermes egípcio e o grego. Os gregos o chamavam de *Hermes Logios* e atenção era dada a ele fora das terras do Egito. Por outro lado, o Hermes egípcio era o *Trismegistos* e a ele eram atribuídos altos poderes teúrgicos.

AS RAÍZES EGÍPCIAS

A importância da cultura egípcia, principalmente sua magia animista, na gênese da THM deve ser ressaltada, principalmente porque a maioria dos autores dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS eram egípcios, embora helenizados. Os egípcios helenizados absorveram completamente a cultura grega, aprenderam a escrever e a falar com fluência o grego e a pensar como eles. Isso é demonstrado nos próprios papiros mágicos que contêm um conjunto eclético de fórmulas, encantamentos e diversas técnicas herméticas. Fora do Egito helenizado, no entanto, esta coleção de escritos era considerada *forasteira*, pois os egípcios não-helenizados eram profundamente xenofóbicos.

Por volta de 660 a.C. a cultura helênica começou uma campanha poderosa para influenciar o Egito, quando Giges, o Rei da Lídia, enviou tropas mercenárias para fortificar e proteger o reinado de Psamético I, faraó egípcio da XXVI Dinastia, filho de Necho I, o Menkheper-Rá. Após inúmeros embates e guerras, os soldados gregos se estabeleceram no Egito. No entanto, considerava-se que a influência da cultura helênica no Egito tenha começado quando Alexandre Magno o conquistou em 332 a.C. A partir da conquista de Alexandre houve um intenso intercâmbio cultural entre os gregos e os egípcios. Assim se inicia a tradição hermética de mistérios, quando os filósofos gregos se encontram com os magos egípcios.

O pensamento e as ideias sofisticadas dos filósofos gregos junto à tecnologia mágica egípcia são o cerne e as fundações da tradição hermética de mistérios. Essa síntese é o coração da tradição.

Thoth é considerado ser o deus patrono da magia porque ele incorpora a inteligência e é o arquiteto-chefe dos processos de comunicação, todos eles, entre todas as coisas. Estes dois elementos são essenciais a execução magia do hermetismo, quer dizer, *mageia*. Os gregos tinham Hermes como o modelo *par excellence* do mago perfeito e eles atribuem a ele a tradução de O LIVRO DE THOTH do egípcio para o grego após o dilúvio.⁶

A TRADIÇÃO HERMÉTICA

A literatura tradicional que compõe a tradição hermética de mistérios é dividida em duas classes:

1. O cânone filosófico: CORPUS HERMETICUM.
2. O cânone mágico: PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

As tradições herméticas modernas e pós-modernas têm dado atenção demasiada ao cânone filosófico do Hermetismo, mas pouca ou quase nenhuma atenção ao cânone mágico. Algumas escolas de iniciação herméticas ainda postulam que a magia – como demonstrada nos papiros – constitui uma fase primitiva no desenvolvimento da consciência humana, eliminando da tradição hermética qualquer influência dos papiros mágicos. Isso tem ocorrido porque as tradições herméticas modernas e pós-modernas se aproximaram muito do paradigma científico idealista, eliminando a prática da magia que por definição é essencialmente animista. Na Antiguidade e antes, não existia distinção entre filosofia, religião, arte e ciência. Todas essas matérias eram estudadas e praticadas em uma cosmovisão animista, que ressaltava seu aspecto mágico.

Nas tradições herméticas modernas e pós-modernas essas duas classes ou cânones filosófico e mágico passaram a representar dois seguimentos distintos dentro do hermetismo. Um seguimento mágico e operativo, centrado na prática da magia explorada pelos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e outro seguimento filosófico, completamente analítico, ilustrativo e especulativo, baseado no CORPUS HERMETICUM. Nas tradições herméticas da Antiguidade não havia a divisão entre estes dois seguimentos e os aspectos filosófico e prático eram harmonizados em um único sistema.

⁶ É interessante notar que com a derrocada da civilização egípcia todo o conhecimento mágico do Egito escoou para as diversas tribos africanas. Tudo o que nós recebemos dos africanos nas tradições afro-brasileiras vem, fundamentalmente, da sabedoria mágica do Egito.

Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS contêm um amplo e sincrético sistema de magia, baseado em papiros gregos, egípcios-demóticos e coptas. O CORPUS HERMETICUM contem a estrutura filosófica da tradição. No entanto, outro cânone pode ser ainda listado como *técnico* e ele inclui manuscritos diversos sobre Alquimia, Astrologia e Kabbalah.

A tradição hermética de mistérios, composta pelos cânones filosófico, mágico e técnico, é a combinação das mais importantes cosmovisões presentes na região do Mediterrâneo nos primeiros séculos após o nascimento de Jesus. A tradição congrega elementos do gnosticismo, neoplatonismo, estoicismo e feitiçaria africana tendo o Egito como elemento congregante. A tradição hermética assimila elementos de religiões e sistemas filosóficos como dos hebreus, mesopotâmios, persas, greco-romanos e egípcios. O cristianismo primitivo também teve papel importante na formação da tradição hermética. No entanto, é possível dizer que o cerne da tradição hermética foi a assimilação dinâmica e não dogmática das principais cosmovisões da época: gnosticismo e neoplatonismo.

A TRADIÇÃO HERMÉTICA NA ANTIGUIDADE

O Desenvolvimento da Tradição Hermética:

A gênese da THM está perdida nos séculos anteriores ao nascimento de Jesus, um período não documentado e cuja transmissão do conhecimento mágico-espiritual ainda era essencialmente oral, embora a escrita já estivesse presente. Como demonstrado anteriormente, o início da tradição hermética pode ser rastreado desde a conquista de Alexandre Magno do Egito. No entanto, o conteúdo apresentado nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS é uma síntese de vários sistemas mágicos e filosóficos que se cruzaram na cultura nilótica por séculos.

O desenvolvimento mais significativo da tradição hermética ocorreu na ocupação romana do Egito em 30 a.C. Durante esta ocupação, as culturas helênica e egípcia foram forçadas a uma congruência muito maior do que nas ocupações anteriores pelos gregos e isso afetou profundamente o Império Romano. Alguns autores têm postulado que a tradição hermética é, na verdade, uma reação filosófica e cultural a opressão e tensão deste período.

Por volta de 200 d.C. uma bem documentada coleção de elementos começou a ser produzida e ela foi fundamental para o desenvolvimento da tradição hermética a partir dali.

Desenvolvimento Precoce:

Durante o período em que essa coleção de textos estava sendo registrada, compilada e organizada, parece ter havido um desenvolvimento gradual das cosmovisões ali aglutinadas e a influência egípcia primordial começou a to-

mar uma característica mais helênica. Isso ocorreu porque a cultura egípcia – antes completamente xenofóbica, valorizando os deuses e deusas nilóticos em detrimento das culturas de fora das terras do Egito – vagarosamente foi dando espaço para deuses e influências estrangeiras. Dentre essas influências, uma que se fez poderosa no Egito desta época foi o Cristianismo.

A grande quantidade dos papiros deste período datam de 200 a 400 d.C. Eles são a coleção de textos mais antiga, mas não é possível data-los com precisão. É certo que eles começaram a ser compilados na metade do Séc. II d.C. Os papiros deste período têm sido considerados *tratados científicos de hermetismo técnico*⁷ e neles é possível ver a gênese da Alquimia que, posteriormente, tornou-se a principal matéria de estudo da tradição hermética de mistérios.

O conteúdo ideológico desta coleção mais antiga de papiros forma um conjunto de elementos relativamente estável. Os três componentes principais deles são as mitologias egípcia, grega e hebraica e os sacerdotes da tradição hermética as utilizava em um contexto completamente fora e muitas vezes antagônico a interpretação secular destas tradições. Estes eram sacerdotes e hierofantes pagãos que não podiam ser classificados como egípcios, gregos, judeus ou cristãos. Eles formaram sua própria tradição eclética que tanto era religiosa, filosófica e magicamente operativa. Os papiros deste período são compostos por três cosmovisões:

- Os PAPIROS MÁGICOS DEMÓTICOS que continham a tecnologia egípcia mais arcaica da magia.
- Os PAPIROS MÁGICOS COPTAS que começaram a ser compostos por volta de 100 d.C. e transmitiam uma síntese hermética-cristã baseada em fé e feitiçaria cristã para várias finalidades.
- Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS que essencialmente eram pagãos e cosmopolitas.

A Tradição Hermética Medieval:

Devido ao desenvolvimento do cristianismo dogmático institucionalizado, a tradição hermética de mistérios foi completamente reprimida nas regiões dominadas pela Igreja Romana. Foi um período em que as tradições mágico-iniciáticas como qualquer culto não-cristão foram perseguidos e em um momento negro da história ocidental, massacrados.

Por outro lado, o cânone filosófico da tradição hermética foi profundamente respeitado e admirado por alguns líderes da Igreja e escritores cristãos. Por exemplo, Dídimo, o Cego (313-398 d.C.), um teólogo da Igreja Copta de Alexandria, em sua obra *A TRINDADE*, um tratado cristão ortodoxo de teologia, faz inúmeras referências a textos herméticos. Lactâncio (240-320 d.C.), um

⁷ Heidi Marx-Wolf, *SPIRITUAL TAXONOMIES AND RITUAL AUTHORITY*.

dos primeiros autores cristãos, orava a Hermes Trismegistus como um profeta de Jesus Cristo, assim como também o fazia Cirilo (378-444 d.C.), patriarca de Alexandria no auge da dominação romana. Estes Cristãos foram profundamente influenciados pela tradição hermética de mistérios que incorporaram em suas doutrinas muitos de seus aspectos práticos e filosóficos, acreditando que o hermetismo detinha *o verdadeiro ensinamento de Cristo*.⁸ Alguns autores desse período dizem que *Hermes foi um cristão antes de Jesus Cristo*.⁹

Seguindo a ascensão do Islã no Oriente, que conquistou o Egito em 638 d.C., o corpo literário hermético e as ideias nele contidas foram melhor preservadas pelo mundo islâmico. Isso ocorreu porque naquele período o Islã era mais tolerante com ideias divergentes do que a Cristandade. Desde que os muçulmanos convertidos executassem suas saudações diárias a Alá, particularmente eles eram deixados por sua própria conta nas questões mais pessoais de sua espiritualidade. Mas foi a assimilação do Islã da tecnologia mágica e escopo filosófico e técnico do hermetismo como a alquimia e a astrologia que garantiu a sobrevivência da tradição hermética de mistérios.

No entanto, a Cristandade não pode evitar que as ideias herméticas penetrassem na Europa mesmo no auge de seu domínio. Por exemplo, as lendas do Santo Graal que remontam aos Sécs. XI e XII congregam ideias gnósticas, neoplatônicas e herméticas *par excellence*. O PARZIVAL de Wolfram von Eschenbach (1170-1220 d.C.) foi a joia da coroa dessa influência.

Ao mesmo tempo, as ideias gnósticas e neoplatônicas penetraram profundamente no mundo judeu, influenciando sua prática esotérica, a Kabbalah. Essa influência refinou em altíssimo grau as especulações filosóficas da Kabbalah, produzindo muitas escolas de sabedoria. E a própria cristandade não ficou alheia a esse processo. A doutrina e dogma cristãos foram influenciadas pelas ideias neoplatônicas e outras correntes filosóficas gregas, produzindo místicos de alto calibre espiritual.

A TRADIÇÃO HERMÉTICA MODERNA

A Renascença e o Iluminismo:

O mundo moderno teve seu início no Norte da Itália durante o Séc. XV. Embora o *modernismo* seja caracterizado por uma rejeição intelectual da filosofia cristã medieval que exaltava a fé em detrimento do conhecimento empírico, a cristandade ainda exercia uma sombra obscura na maioria dos hábitos, ideias e estilo de vida do europeu. Portanto, os hermetistas desta época flertavam com muitas ideias que compunham a síntese hermética, mas ainda mantinham um profundo apego pelos dogmas cristãos. Esses hermetistas,

⁸ Robert Conner, *MAGIC IN CHRISTIANITY: FROM JESUS TO THE Gnostics*.

⁹ Robert Conner, *JESUS THE SORCERER: EXORCIST & PROPHET OF THE APOCALYPSE*.

dessa maneira, coloriam o hermetismo com uma interpretação cristã, inserindo na tradição coisas que realmente não faziam parte dela ou, por outro lado, eram influenciados pelos hermetistas cristãos da Antiguidade. Na perspectiva da tradição hermética de mistérios, os ensinamentos de Hermes são a base sobre a qual todos os cultos, filosofias e religiões foram fundados. Uma vez que o hermetismo pode ser considerado uma síntese de filosofias distintas, alguns autores acreditam que ele é a fonte de todas as filosofias.

A influência hermética na cristandade ou a descoberta de ideias cristãs no hermetismo data do início da Renascença. Por volta de 1488 d.C. Hermes foi homenageado na Itália quase como um santo na arte da Catedral de Siena e no mosaico lia-se a inscrição: *Hermes Mercurius Trismegistus Contemporaneus Moysi*, quer dizer, *Hermes Mercúrio, o Três vezes Grande, contemporâneo de Moisés*.

Muito do que o Ocidente conheceu acerca da tradição hermética de mistérios na Idade Média foram apenas fragmentos dela. Por volta de 1460, um governante de Florença chamado Cosme de Médici (1389-1464), descobriu um manuscrito grego do CORPUS HERMETICUM. De posse do manuscrito, ele comissionou uma magista e filósofo florentino, Marsílio Ficino (1433-1499), a traduzir o original grego para o latim. Por volta de 1463 o trabalho estava pronto e em pouco tempo o CORPUS HERMETICUM passou a ser considerado o repositório mágico e filosófico das religiões mais antigas conhecidas pelo homem. Os filósofos, ocultistas e magos da Renascença acreditavam, portanto, estarem sendo cristãos fiéis e ortodoxos explorando o conteúdo da tradição hermética, pois na perspectiva deles, ela preservava a teologia original que culminou do advento de Cristo.

Essa tradução do CORPUS HERMETICUM parece ter sido o portal para que uma série de manuscritos começassem a aparecer durante o período da Renascença. Textos gregos e latinos explorando a magia natural e tratados árabes de alquimia e astrologia baseados no hermetismo deram ímpeto ao nascimento de novas ideias que culminaram no desenvolvimento de organizações espirituais secretas, filosofias e avanços científicos. Os teoremas explorados por Paracelso (1493-1541), médico, alquimista, físico, ocultista, astrólogo e magista suíço durante a Renascença e as ideias de Isaac Newton (1643-1727), cientista, astrônomo, alquimista e ocultista inglês durante o Iluminismo, vêm da tradição hermética de mistérios. Isso nos leva a inferir que magia e filosofia transmitidas através do cânone mágico, técnico e filosófico do hermetismo estiveram alinhadas as principais descobertas modernas na área da ciência natural. Mas a ideia mais explorada nesse período foi a identidade estabelecida entre o macrocosmo e o microcosmo.

O Renascimento Romântico do Ocultismo:

Por volta do Séc. XIX a tradição hermética de mistérios renasceu com um furor total e a partir das muitas interpretações que dela foram dissidentes, eclodiu uma vasta reinterpretação da magia em várias partes do continente europeu como metodologias espirituais válidas para o avanço místico e mágico. O movimento que reacendeu a chama do hermetismo foi o Romantismo intelectual na Europa, criando um entusiasmo entre ocultistas interessados nas inúmeras matérias que compõem o hermetismo: magia riatual (ou cerimonial), alquimia, astrologia e a recente arte do tarot.

Foi nessa época que os PAPIROS MÁGICOS GREGOS foram redescobertos e inúmeras versões foram parar em bibliotecas e museus da Europa. No entanto, essa coleção de textos mágicos teve pouca ou quase nenhuma influência no renascer da magia daquele período. Longe da magia disseminada nos papiros, as várias tradições herméticas que começaram a surgir gradativamente foram se transformando e se afastando da essência original que compunha a tradição hermética e por conta disso, alguns autores como Joseph C. Lisiewski insistem que *essas tradições modernas herméticas não são, de fato, herméticas*.¹⁰ A cientificidade elegante e refinada do homem vitoriano do Séc. XIX transformou a essência vital e vibrante da magia contida nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS em uma pálida lembrança da interpretação animista que alimenta a tradição hermética.

É irônico que durante o Romantismo do Séc. XIX a essência da tradição hermética contida nos papiros tenha sido negligenciada por inúmeros magistas do hermetismo moderno que, grosso modo, tornou-se um conjunto de práticas místicas e psiúrgicas distante da magia animista contida nestes documentos. Ao se basearem amplamente e somente no cânone filosófico (CORPUS HERMETICUM) e técnico (tratados de alquimia, astrologia, kabbalah etc.) a magia do hermetismo moderno transformou-se apenas no que os magos franceses¹¹ chamaram de *psicurgia* ou magia mental. Como tratamos anteriormente, ambos os cânones, o mágico e o filosófico, são essenciais a compreensão e prática do hermetismo. Uma evidente perda destes arcanos mágicos que compõem os PAPIROS MÁGICOS GREGOS está na tradução de Charles Wycliffe Goodwin (1817-1878), um egiptólogo e historiador bíblico que publicou pela primeira vez em 1852 um panfleto intitulado FRAGMENTO DE UM RITUAL GRECO-EGÍPCIO. A tradução do ritual acompanhava a versão grega original e algumas notas que enriqueciam a leitura. Posteriormente, outra parte deste mesmo ritual foi publicada por E.A. Wallis Budge (1857-1934) em um pequeno livreto intitulado MAGIA EGÍPCIA. O ritual em questão foi extensamente utilizado na Ordem Hermética da Aurora Dourada sob o título de *o Ritual do Sem-Cabeça*. Após essas duas publicações fragmentadas, a outra referência a este ritual somente apareceu no livro A GOÉCIA: A CHAVE MENOR DE SALOMÃO. Encomendado e pago por Aleister Crowley (1875-1947) enquanto ainda era

¹⁰ Joseph C. Lisiewski, HOWLINGS FROM THE PIT: A PRACTICAL HANDBOOK OF MEDIEVAL MAGIC, GOETIA & THEURGY.

¹¹ Veja Papyrus, ABC DO OCULTISMO.

membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada, o livro foi traduzido por S.L. MacGregor Mathers (1854-1918) e trazia a versão original em latim do ritual. Mathers já havia traduzido e publicado A CHAVE MAIOR DE SALOMÃO, um grimório medieval largamente conhecido por seus talismãs e encantamentos. A edição – de luxo – particular de Crowley de seu A GOÉCIA apareceu em 1903, onde o *Ritual do Sem-Cabeça* foi rebatizado como a *Invocação Preliminar do Não-Nascido*, que aparece logo no início da edição, no estilo gótico.

Ambas as versões de Mathers e Crowley se referiam a invocação de um Gênio ou Sagrado Anjo Guardião. Há dois equívocos sérios nessas traduções: 1. o ritual original encontrado nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS se tratava de um exorcismo mágico e não a invocação de qualquer entidade; 2. a interpretação de Mathers e Crowley deste ritual iria invocar uma parte superior – ou o *Eu Superior* – da consciência humana, entendida como o Sagrado Anjo Guardião. No entanto, esse tipo de visão, a de que o Sagrado Anjo Guardião é uma parte superior da consciência humana, não aparece em nenhuma parte da coleção de papiros.¹² A magia tratada nesses papiros era completamente animista e qualquer criatura espiritual nessa cosmovisão é tida como separada da consciência humana. Vale ressaltar novamente que o neoplatonismo influenciou profundamente a composição desta coleção de papiros mágicos e nesta cosmovisão teúrgica, o Sagrado Anjo Guardião é um *daimon*,¹³ quer dizer, uma criatura espiritual independente da consciência do magista que deve ser invocado nos estágios preliminares do treinamento mágico como condição essencial ao desenvolvimento mágico-espiritual. Na teurgia da Antiguidade, acreditava-se que é através do poder do *daimon* pessoal que o magista tem condições de conjurar ou exorcizar qualquer entidade espiritual e, portanto, travar contato com ele primeiro constituía uma das tarefas preliminares do treinamento mágico.¹⁴

A partir disso é possível inferir que o hermetismo moderno como apresentado a partir das reinterpretações românticas do Séc. XIX degenerou-se completamente. É urgente, nesse momento do pensamento mágico ocidental, resgatar a essência animista da tradição hermética de mistérios.

A TRADIÇÃO HERMÉTICA PÓS-MODERNA

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo testemunhou uma maciça revolução de ideias. Iniciou-se o que ficou conhecido como a Era UFO e autores como Kenneth Grant (1924-2011) sustentam que *portais ocultos foram abertos no ambiente astral do planeta, facilitando incursões extraterrestres na onda de vida humana*.¹⁵ A tradição hermética pós-moderna passa por uma confusa e decadente desconstrução de valores e em detrimento disso, os ar-

¹² Veja Fernando Liguori. CORRENTE 93. Clube de Autores, 2016; DAEMONIUM (Vol. I). Clube de Autores, 2019.

¹³ Sobre a evolução do conceito e ideia de *daimon* veja *Revista Nganga* No. 5.

¹⁴ Veja a Seção II: *O Paredros dos Papiros Mágicos Gregos & o Exu Tutelar da Quimbanda*.

¹⁵ Kenneth Grant, OUTSIDE THE CIRCLES OF TIME. Veja também HECATE'S FOUNTAIN e OUTER GATEWAYS.

canos de mistério do hermetismo têm se perdido. No entanto, sacerdotes-teurgos têm estado esperançosos que em breve os hermetistas pós-modernos comecem a abandonar a fútil colcha de retalhos onírica universalista que caracteriza os *modernistas*, assim como os hermetistas da Renascença abandonaram o pesadelo católico medieval.

O pós-modernismo se caracteriza pela liberdade do mito moderno universal de progresso – a ideia de que com o tempo, aplicando maciçamente a metodologia cientificista racional, os problemas da humanidade irão se extinguir sob a luz da razão pura. Os pós-modernistas perceberam, assim como o fizeram seus antepassados, que tal progresso é melhor aplicado apenas no contexto do indivíduo. Agindo dessa maneira, eles se vêem livres do constrangedor e restricionista progressivismo moderno. Para o pós-modernista, tudo àquilo que não é novo, que não se trata da *última moda*, trata-se de algo retrógrado, reacionário e, portanto, inaceitável. Não há melhor exemplo que o movimento pós-moderno conhecido sob a alcunha de *magia do caos*. Os praticantes deste *novo olhar* sobre a magia são livres para sincretizar ou sintetizar em seu sistema elementos culturais de todos os tempos ou fase do desenvolvimento da consciência humana. Disso nascem temas bizarros como *xamanismo quântico*, que une em uma expressão cosmovisões completamente distintas e antagônicas sob qualquer forma ou estrutura que seja adequado em determinado momento.

OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

É nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS que a essência da magia hermética está concentrada e melhor preservada. Sem o conhecimento desta coleção de escritos de magia, não seria possível a nós saber qualquer coisa sobre a verdadeira prática mágica da tradição hermética de mistérios. Como demonstrado anteriormente, até pouco tempo atrás e principalmente no período do Romantismo do Séc. XIX, todo o conteúdo dos papiros foi mal interpretado e obscurecido pelos hermetistas modernos.

A maioria dos papiros dessa coleção foram escritos entre os Sécs. I e VI d.C. Eles cobrem o período em que Jesus supostamente viveu e os séculos subsequentes ao desenvolvimento do cristianismo primitivo, considerado por alguns especialistas como *cristianismo mágico*. A grande maioria dos papiros desse período foram escritos em grego ou demótico (egípcio).

Com o desenvolvimento do cristianismo dogmático, uma grande quantidade de papiros contendo os segredos da magia hermética foi destruída em piras de fogo e qualquer um que fosse pego de posse deles também era atirado nas chamas. Em ATOS DOS APÓSTOLOS (19:19) lemos: *Grande número dos que tinham praticado ocultismo reuniram seus livros e os queimaram publicamen-*

te. *Calculado o valor total, este chegou a cinquenta mil dracmas.*¹⁶ Isso ocorreu em Éfeso, uma cidade grega na costa da Jônia, Turquia, onde esse grande número de livros foram queimados. Éfeso era famosa porque congregava um grande número de magos e todos interessados em magia se dirigiam a ela. Quando o Principado de Éfeso converteu-se ao cristianismo, parte do acordo que envolveu a conversão era a queima de todos os papiros mágicos que dispunham os magos da cidade.

No início de sua expansão, o Islã mostrou-se mais gentil que os cristãos com as crenças pagãs. Mas isso durou pouco tempo e logo os mulçumanos também começaram a perseguir os magos da Antiguidade. A queima da Biblioteca de Alexandria em 641 d.C. é o exemplo mais famoso de uma destruição programada da herança mágica pagã da Antiguidade. Esse é um fardo na história da humanidade. Se não fosse o dogmatismo cristão ortodoxo, responsável pela destruição da Biblioteca, a humanidade teria muito mais conhecimento sobre sua hereditariedade, bem como poderia estar muito mais avançada em todas as áreas do conhecimento humano.

Mas uma pequena fração destes papiros mágicos sobreviveram. Eles foram preservados por um magista e estudioso na cidade de Tebas (hoje Luxor). Muito provavelmente ele viveu por volta de 500 d.C., era instruído no grego e no demótico, mas também em filosofia. Autores diversos têm o considerado o último dos pagãos letrados e o mantenedor de um conhecimento mágico que foi completamente destruído durante as conquistas mulçumanas do Séc. XVII.

É na cultura egípcia que textos mágicos e outros objetos eram enterrados com seu proprietário. Foi na tumba deste colecionador desconhecido que os PAPIROS MÁGICOS GREGOS foram descobertos 1300 anos após sua morte.

Com as incursões de Napoleão (1769-1821) no Egito em 1798, muitas relíquias egípcias foram roubadas do Egito e levadas a Europa. Um dos homens que pilhou o Egito neste período foi Jean d'Anastasi (1780-1857). Ele foi o responsável por coletar em Tebas os papiros mágicos e os levar a Europa, espalhando-os por inúmeros museus, como o Museu Britânico em Londres, a Biblioteca Nacional em Paris, o Museu Staatliche em Berlim e o Museu Rijks em Leiden na Holanda do Sul.

Por muitas décadas os papiros permaneceram completamente desconhecidos. Somente em meados do Séc. XIX que acadêmicos e hermetistas começaram a se debruçar sobre eles. Em 1852 Goodwin publicou a tradução de fragmentos do *Papiro Mágico Greco-Egípcio V* com o título de FRAGMENTO DE UM RITUAL GRECO-EGÍPCIO, contendo o *Ritual do Não-Nascido*.

¹⁶ *Dracma* foi um antigo peso monetário encontrado em muitas cidades-estados gregas e Estados sucessores, e em muitos reinos do Médio Oriente do período helênico.

Uma avaliação mais profunda sobre os papiros só começou no início do Séc. XX por acadêmicos alemães. O professor Albrecht Dietrich (1866-1908) planejava publicar toda coleção de papiros, mas ele faleceu no meio do projeto. Três de seus alunos principais deram seguimento ao estudo e análise dos papiros, assumindo a responsabilidade pela publicação. No entanto, eles morreram durante a Primeira Guerra Mundial. Só foi em 1928 que um quarto aluno de Dietrich, Karl Preisendanz (1883-1968), publicou o primeiro volume contendo uma avaliação dos papiros mágicos e em 1931 o segundo volume foi também publicado. Esses dois volumes foram revisados e publicados novamente em 1973-4. Essas edições alemãs continham os papiros originais em grego e uma tradução comentada. Em 1986 o professor Hans Dieter Betz (1931-) da Universidade de Chicago publicou a primeira versão em inglês.

A tradição hermética, quando completamente compreendida em teoria e prática, através da filosofia e o trabalho magístico operativo, é uma mistura sintética entre o misticismo filosófico e a magia animista. A tradição está baseada nos princípios universais matemáticos e na comunhão com os espíritos da natureza. Trata-se, portanto, de ciência e arte. Para se executar a magia hermética com a precisão que a tradição requer, esse equilíbrio harmônico entre filosofia e magia deve existir. Nenhum dos dois deve ser desconsiderado ou desqualificado na execução precisa da magia hermética.

Se a Grande Obra que constitui a iluminação total da alma humana é o objetivo principal de um verdadeiro mago, equilíbrio deve ser estabelecido entre filosofia e magia. Esse equilíbrio estabelece o dinamismo da tradição hermética. A magia contida nos papiros nos leva de volta a Alexandria do Séc. IV convocando o Espírito daquela época para nos auxiliar na execução bem-sucedida da magia hermética.

SEÇÃO . II .

O PAREDROS DOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS & O EXU TUTELAR DA QUIMBANDA

Na seção interior nós fizemos uma rápida introdução aos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e sua importância na gênese da tradição hermética e formação da identidade mágica do Ocidente. Nessa seção nós nos debruçaremos sobre um fascinante aspecto dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, o papel do *paredros* ou *espírito tutelar*, construindo uma *ponte temporal* entre a feitiçaria dos papiros e àquelas que encontramos na Quimbanda. Para tal, primeiro, precisamos compreender o que é o *paredros* nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

A DOCTRINA SOTERIOLOGICA DO PAREDROS

Convém que o iniciado passe por todas as fases, que são: desejo, perseverança e domínio. A primeira pertence ao noviço, ou seja, o desejo de aprender. A segunda, ao iniciado, que precisa de perseverança para chegar ao fim. A terceira, ao mestre, que é o verdadeiro mago, pois atingiu o domínio absoluto da Arte.¹⁷

O aspecto mais importante da tradição da magia tem sido explorado pelos magos desde os primórdios da humanidade e nos dias de hoje ele é conhecido pela expressão *Conhecimento & Conversação com o Sagrado Anjo Guardião*. Em DAEMONIUM (Vol. I) eu expliquei que a ideia ou conceito do Sagrado Anjo Guardião que conhecemos hoje é o desenvolvimento de uma doutrina que existe na tradição da magia desde o início, que é a apropriação espiritual de um espírito tutelar, o *paredros* dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS.

Com o desenvolvimento de camadas sobre camadas de mitos e cosmovisões acerca da doutrina do *assistente mágico*, o conhecimento que as tradições moderna e pós-moderna da magia oferecem acerca desta criatura espiritual está muito aquém da compreensão e visão dos magos do passado. Na verdade, não apenas este aspecto ou doutrina, mas o escopo total da *Arte Notória* ainda é mal compreendido e amaldiçoado devido a noções equivocadas e afirmações exageradas que vêm sendo tecidas ao longo do tempo sobre a prática da magia. A própria ideia de *danação no inferno*, um destino certo para magos e feiticeiros por lidarem a vida toda com a arte das trevas e o contato com demônios, vela o aspecto mais importante da doutrina do *paredros*: a salvação ou destino da alma após a morte.

Ao cavarmos os escombros da tradição da magia podemos perceber que desde a Antiguidade, conforme encontramos na magia greco-egípcia dos papiros, havia um processo natural e gradual pelo qual alguém se tornava um mago. E ao olharmos o xamanismo com cuidado, notaremos que este cami-

¹⁷ São Cipriano, O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: TRATADO COMPLETO DA VERDADEIRA MAGIA, Pallas, 2017.

nho de iniciação que leva um homem comum a tornar-se um mago ou um xamã trata-se de um fenômeno espiritual que se repete na história das culturas de todos os tempos. Este caminho gradual de iniciação mágica, no entanto, é uma longa jornada de busca que dura anos ou, mais precisamente, toda a vida. Mas essa jornada é buscada e vivenciada em etapas que podem ser universalmente estabelecidas mais ou menos assim:

- *1ª etapa de iniciação mágica*: Uma longa jornada de aprendizado e treinamento espiritual em várias tecnologias mágicas oferecidas por tradições diversas da magia. O estudante empreende uma busca por ordens mágicas distintas, tradições de magia e cultos de mistérios, até que esteja pronto para encontrar um mestre que o adestre e o treine na *Arte Notória*.
- *2ª etapa de iniciação mágica*: Após encontrar um mestre e aprender com ele durante um tempo, se ganha à revelação de um segredo da magia: uma conjuração ou técnica poderosa capaz de fazer o estudante entrar em contato com seu espírito tutelar.
- *3ª etapa de iniciação mágica*: O *Conhecimento & Conversação* com o espírito tutelar através de uma conjuração mágica, completada por um acordo com ele na forma de um pacto, voto, aliança ou juramento. Essa conjuração geralmente inclui sacrifícios e oferendas.
- *4ª etapa de iniciação mágica*: Através do conhecimento e conversação com espírito tutelar, obter dele sabedoria mágica genuína e fidedigna; bem como compartilhar dos seus poderes para auxiliar espiritualmente e magicamente pessoas que necessitem de seus serviços.¹⁸

A imagem tradicional do mago ou xamã é aquela de um homem que, após um treinamento e preparo, contatou um espírito tutelar e depois disso começou a oferecer seus serviços espirituais e mágicos. Ele tornou-se um *mago profissional*, se podemos usar essa designação. Mas essa imagem do *mago profissional* tem sido veementemente combatida desde a Antiguidade, piorando após o advento do cristianismo. As escolas modernas de iniciação, influenciadas pelas ideias renascentistas, iluministas e cientificistas, têm construído uma imagem *idealizada* da magia e do papel do mago que não está nem um pouco em sincronia com a realidade ou a tradição da magia. A qualificação profissional do mago são as três primeiras etapas de iniciação mágica, como delineamos acima e a coroação de seu trabalho, a quarta etapa.

A suprema realização da magia é a conjuração do espírito tutelar. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS o espírito tutelar (*paredros*) é apresentado como o su-

¹⁸ Note que esses passos universais refletem a busca de um *kimbanda*. Primeiro ele se empenha em absorver o máximo de conhecimento possível se aproximando de cultos como a Umbanda ou o Candomblé, até que seja aceito como discípulo de um *táta-nganga*; em seguida o mestre o auxilia a entrar em contato com o seu Exu tutelar; de posse do conhecimento fornecido pelo mestre, o *kimbanda* estabelece o pacto com seu Exu tutelar; com o tempo e desenvolvimento espiritual o *kimbanda*, auxiliado por seu Exu tutelar, ingressa no caminho sacerdotal até que ele seja *aprontado*, quando se torna um *táta-nganga*.

premo segredo mágico, pois ele permite ao mago realizar proezas com a magia. Não só os papiros, mas muitos autores cristãos apresentavam o *assistente mágico* como a verdadeira fonte por trás dos poderes do mago. Na recessão cristã, o espírito tutelar tornou-se o *diabo pessoal* que acompanhava os magos, como nas lendas de São Cipriano, que aprendeu magia diretamente com o Diabo, e Fausto, que era orientado por um *diabo pessoal*, Mefistófeles. Simão, o famoso mago de O ATO DOS APÓSTOLOS, comparado a Salomão e realizador de proezas (taumaturgia), também foi apresentado sendo acompanhado por um espírito tutelar, a fonte de seus poderes. Essa ideia do *assistente mágico* foi transportada ao neoplatonismo teúrgico de Jámblico (245-325 d.C.) na doutrina do *daimon pessoal*. Os cosmocratores do reino da geração, na condição de senhores de todos os *daimones* que se encontram no reino da geração, podem revelar ao teurgo seu *daimon pessoal*. Posteriormente, na magia sagrada de Abramelin, o *daimon pessoal* da teurgia neoplatônica, o antigo *paredros* dos papiros gregos, aparece como o Sagrado Anjo Guardião, que deve ser convocado pelo mago e revelado por Deus caso ele tenha merecimento, ganhando assim, com a autoridade espiritual do Sagrado Anjo Guardião, o domínio e a regência sobre os demônios (espíritos diversos) do reino da geração.

Na teurgia de Jámblico, após o contato com o seu *daimon pessoal*, o teurgo aprenderia com ele a forma correta de prestar-lhe reverência cerimonial, a maneira particular de invocá-lo. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, o *paredros* é descrito como uma poderosa criatura espiritual capaz de dotar o mago com muitos poderes e de lhe ensinar um tipo peculiar e pessoal de sabedoria oculta, revelando também a natureza soteriológica do espírito tutelar, como vemos nos papiros: *Quando você estiver morto, ele irá envolver o seu corpo como é adequado a um deus, e ele levará seu espírito pelo ar com ele. Pois, nenhum espírito aéreo que está unido a um poderoso assistente irá para o Hades, pois para ele todas as coisas são submetidas.*¹⁹ É interessante notar essa passagem dos papiros gregos com a promessa feita pelo Diabo a São Cipriano: *Ele prometeu me fazer um príncipe, depois de minha morte, e que eu teria poder e seu favor enquanto vivo.*²⁰ Para compreender essas passagens e relacioná-las, leve em consideração as crenças escatológicas das culturas do Mediterrâneo pré-cristão: ser condenado a uma vida no Hades (submundo) após a morte era um destino que ninguém gostaria de ter. Na mitologia grega e suas recessões escatológicas anteriores, inúmeros deuses intervinham livrando as almas do Hades e *transformando-as em criaturas daemônicas* após a morte. Note que nos papiros gregos o *paredros* é apresentado como uma deidade ou criatura espiritual deificada: *ele é um deus [...] um espírito aéreo que você viu.*²¹ Na tradição do xamanismo, muitos xamãs eram enterrados de maneira distinta, separados em locais ou zonas de poder especiais para que

¹⁹ Hans Dieter Betz. THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION. The University of Chicago Press, 1996.

²⁰ Humberto Maggi. *O Bom Amigo de Fausto* em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

²¹ Hans Dieter Betz. THE GREEK MAGICAL PAPYRI IN TRANSLATION. The University of Chicago Press, 1996.

suas almas após a morte pudessem integrar os espíritos ancestrais. E é interessante notar que Fausto, no curso de realização de um pacto com seu *diabo pessoal*, Mefistófeles, não tinha outro desejo além de tornar-se um diabo após a morte. Soldo: fazia parte da tradição da magia na Antiguidade o mago querer tornar-se um *espírito ancestral* deificado; essa era a expectativa do mago dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e isso permanece presente até hoje em tradições da magia como a Quimbanda, cuja expectativa de um sacerdote é tornar-se um Exu após a morte, permanecendo na família de espíritos que assistem sua Casa. Abundam inúmeros feitiços da tradição popular da magia a convocação de espíritos de mortos que se acredita terem sido magos e bruxas associados ao Diabo, como é o caso de Maria de Padilha, que sempre se apresenta no comando de uma grande legião (ou falange) de espíritos, sua *quadrilha mágica*.²²

A danação no inferno, uma acusação genuinamente cristã, mas baseada em fontes mais antigas, nada mais é do que a saída que a Igreja encontrou para facilitar o acesso ao céu através de Jesus Cristo, associando os magos ao contato com demônios e uma vida cativa no inferno após a morte. Devemos levar em consideração que essa doutrina de deificação mágica da alma após a morte era deveras perigosa a Igreja. No entanto, trata-se do verdadeiro arcano de mistério velado pela acusação de danação no inferno; na verdade esse sempre foi o anseio mágico e iniciático dos magos do passado, tornar-se almas deificadas que pudessem assistir os humanos em suas muitas demandas. Essa ideia é a gênese da doutrina da iluminação ou a realização da grande obra nas escolas modernas e pós-modernas da tradição da magia.

O desejo de Fausto em tornar-se um diabo após a morte; o desejo de São Cipriano em tornar-se um príncipe com poder e autoridade após a morte; o desejo de um sacerdote de Quimbanda²³ em tornar-se um Exu após a morte; o desejo do mago dos papiros em tornar-se uma alma deificada após a morte; o desejo do teurgo que seu *daimon pessoal* leve sua alma até os deuses após a sua morte etc. são versões distintas da doutrina soteriológica da deificação da alma associada ao espírito tutelar, uma criatura espiritual capaz de livrar o homem do cativo do submundo (ou inferno) e torná-lo uma alma deificada ou espírito ancestral, podendo ser convocado e auxiliar outros magos enquanto vivos.

Para os cristãos, quem poderia ensinar esse tipo de proeza mágica aos magos? O próprio Diabo! Assim, o espírito tutelar dos papiros, o *daimon pessoal* da teurgia de Jâmblico, o Sagrado Anjo Guardião de Abramelin, o sátiro de Aleister Crowley (1875-1947) ou o deus oculto²⁴ de Kenneth Grant (1921-2011) são, em verdade, o Diabo que ensinou magia a São Cipriano, o Mefistó-

²² Humberto Maggi. *A Gnose do Diabo* em SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

²³ A Quimbanda é uma tradição da magia que resgata a doutrina do espírito assistente e dos pactos mágicos como praticados pelos magos da Antiguidade pré-cristã.

²⁴ Neste caso, o deus Set.

feles de Fausto, seu *diabo pessoal*, ou o espírito por trás dos poderes de Simão o Mago. Não importa o nome dado ao espírito tutelar em qualquer de suas recessões; o fato que permanece é este: a expectativa do mago desde a Antiguidade era dedicar-se durante anos estudando a *Arte Notória* até que pudesse, através do amadurecimento do seu conhecimento, obter a ajuda de um espírito tutelar ou patrono mágico que lhe desse poder e autoridade espirituais. A lenda de São Cipriano é ótima aos estudantes porque ela espelha essa busca. Em uma das versões populares de O TESOURO DO FEITICEIRO de São Cipriano, encontramos a história de um camponês chamado Victor Siderol, que teria encontrado uma cópia de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO e através dele fez um pacto com o Rei do Inferno através do sacrifício de uma galinha preta em um círculo no meio de uma encruzilhada. O próprio Diabo tornou-se o patrono mágico de Victor Siderol, ensinando-lhe muitos segredos, revelando-lhe um tesouro enterrado e a felicidade através de um relacionamento amoroso sadio. Embora sua busca se limitasse a posse de um tesouro, qualquer um diria que ele estava sendo guiado pelo seu Sagrado Anjo Guardião. E estava mesmo, mas velado na imagem de um *diabo pessoal*. E como o livro faz parte de uma apologia cristã, assim como São Cipriano, Victor Siderol livrou-se da danação no inferno ao reconciliar-se com a Igreja.

Uma versão espanhola de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO traz a história de um monge alemão chamado Jonas Sufurino. Diferente de Victor Siderol que buscava apenas encontrar tesouros e a felicidade através deles, Jonas Sufurino buscava encontrar a sabedoria oculta da tradição mágica e ele conquistou a meta fundamental da magia: desenvolver-se ao ponto de receber a sabedoria oculta através de uma transmissão de fonte não humana. O autor moderno que mais chegou perto dessa ideia foi Kenneth Grant, um eminente discípulo de Aleister Crowley que a partir dele desenvolveu um sistema thelêmico de iniciação chamado de *tradição tifoniana*. Para resgatar ideias de culturas mágicas do período arcaico e primitivo da magia, que Grant enquadra dentro do que ele chama de *cultos das sombras*, a tradição tifoniana estaria conectada a uma tradição egípcia estelar de um período pré-dinástico. E é interessante comparar uma das últimas alegações de Crowley sobre criaturas espirituais com o relato de Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO:

Minhas observações sobre o Universo convencem-me que existem Seres de inteligência e poder de uma qualidade muito superior do que qualquer coisa que nós possamos conceber como humano; eles não são necessariamente baseados nas estruturas nervosas e cerebrais que nós conhecemos; a única chance para a humanidade avançar como um todo é fazer com que individualmente cada humano entre em contato com estes Seres.²⁵

Havia ali inúmeros volumes que tratavam das Artes Mágicas. A simples leitura de alguns deles me convenceu de que ali estava o que eu procurava. Eu refletia: não há dúvida de que existem os espíritos bons e maus, e que eles se relacionam com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência superior, posto que a própria religião lhes dá o poder de nos tentar, de nos induzir ao bem

²⁵ Aleister Crowley, *MAGICK WITHOUT TEARS*.

ou ao mal; logo, se pelo poder da magia pode pôr-se o homem em diálogo com os espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.²⁶

Como na história do camponês Virtor Siderol, o monge Jonas Sufurino também fez um pacto com o Rei do Inferno:

Se é verdade que você existe, eu gritei com voz alta, ó poderoso Gênio do Inferno, apresenta-se à minha vista! E neste exato momento, durante um relâmpago formidável, apareceu o espírito infernal que eu invocara. O que você quer de mim? Eu quero, respondi, desenvolver uma relação com você. Ele respondeu: Concedido! Volte para sua cela. Lá você me terá sempre que quiser; eu revelarei a você todos os segredos, deste e dos outros mundos. Eu te darei um livro que será para ti como um catecismo da sabedoria oculta, um catecismo que só os iniciados podem entender.²⁷

O livro citado nesta passagem é O TESOURO DO FEITICEIRO, um grimório oferecido a Lúcifer por São Cipriano, que declara: *Este livro me mostrou a verdadeira sabedoria, alcançando com seu estudo o domínio completo sobre toda criação.* Essa passagem demonstra claramente como o espírito tutelar, aqui como um *diabo pessoal*, é a fonte de revelação não humana que transmite a sabedoria oculta da magia ao mago, construindo com essa sabedoria transmitida um grimório particular de magia. Seja como for, esse Rei do Inferno ou *diabo pessoal* é a versão cristã do *paredros*, o espírito tutelar que, como podemos ver, é o verdadeiro Arcano da magia. A recessão cristã adiciona uma camada de mitologia sobre essa doutrina e passa a dizer que o Anjo da Guarda se trata de um anjo de luz que nos acompanha desde o nascimento, enviado por Deus e que está disponível a todo cristão a partir da cerimônia do batismo. Uma versão inspirada na filosofia neoplatônica, fundamentada nas alegações de Santo Agostinho (354-430 d.C.), responsável direto pela demonização dos diversos *daimones* e deuses de outras culturas, principalmente o *paredros*. É a partir de Santo Agostinho que o *paredros* passou de *espírito tutelar benfazejo*, o *aghatō-daimon*, a um espírito maligno e perigoso, o Diabo com o qual o mago mantém tráfego e estabelece pacto.

A danação no inferno pelo tráfego com o Diabo é apenas um véu que vela este arcano da tradição mágica: o conhecimento e conversação com o espírito tutelar *diabo pessoal* que livra a alma do cativo no Hades, transformando-a em uma *entidade daemônica*, um espírito ancestral que assiste uma família de espíritos. A meta fundamental do mago greco-egípcio é, portanto, o *Conhecimento & Conversação com o Sagrado Anjo Guardiã*, o espírito tutelar e fonte real do poder que o mago *diz* possuir. Como instrui os papiros, essa sabedoria oculta da magia transmitida pelo *paredros* deve permanecer em segredo e por isso a relação entre o mago e seu espírito tutelar é íntima, secreta e transmitida apenas a filhos mágicos genuínos.

O PAREDROS NOS PAPIROS MÁGICOS GREGOS

²⁶ São Cipriano, EL LIBRO DE SN CIPRIANO, versão espanhola de Jonas Sufurino.

²⁷ São Cipriano, EL LIBRO DE SN CIPRIANO, versão espanhola de Jonas Sufurino.

O *paredros* é um servidor mágico. A apropriação de um *daimon assistente* ou *familiar*, o *paredros*, é um procedimento que sempre faz parte da magia e continua sendo. O racional disso é que, lidando com espíritos, sempre foi funcional ter um [espírito] que atue como *apropriador* e como guia ou intermediário com os habitantes do outro mundo. Esse tema aparece primeiro em O TESTAMENTO DE SALOMÃO e os textos greco-egípcios, no HYGROMANTEIA e depois nos grimórios latinos salomônicos vernaculares.

Em O TESTAMENTO DE SALOMÃO dos Sécs. I e II, Salomão primeiro se apropriou de Ornias (o que ele fez com ajuda de Deus, por meio de um anel consagrado lhe entregue pelo Arcanjo Miguel). Em seguida Ornias aparece como seu espírito assistente, apresentando-o aos demônios e lhe auxiliando a se apropriar deles, 59 outros espíritos no total citados no texto. Em muitos grimórios europeus posteriores, demônios específicos (como Paimon na goécia) são descritos como *bons ajudantes para apropriação de familiares*.

O conceito de espírito familiar é uma ideia que perdura no tempo. [...] Muitas das confissões de feitiçaria dos Sécs. 16 e 17 envolviam a admissão de que a bruxa possuía um espírito familiar.²⁸

Nessa seção nós concluídos o estudo do espírito tutelar nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. A intenção é revisar nosso conhecimento acerca do papel e função do *paredros* aos feiticeiros dos papiros gregos, sem cruzar referências, como fizemos anteriormente com o *diabo pessoal* de Cipriano Feiticeiro, Fausto e outros feiticeiros que se encontraram na encruzilhada com o *espírito tutelar*. Nos papiros gregos, dez são o número de textos²⁹ que se referem ao *paredros* ou alguma de suas formas cognatas, como o *paredoi*, a alma deificada de um morto. O termo *paredros* (πάρεδρος) significa *estar próximo* ou *ao lado*. Nos papiros esse termo é aplicado ao espírito tutelar ou *familiar* que serve ao feiticeiro.³⁰

Essa coleção de dez textos dos papiros gregos descrevem vários tipos de *paredros* que podem ser classificados nas seguintes categorias: divino, celestial, espiritual e material. Essa classificação é uma aproximação da ideia original, pois não é possível transcrever em poucas palavras todo sistema de crença sobre o *paredros* na Antiguidade. Não se tratava de um conhecimento ou apenas uma matéria da *Arte Notória*, mas uma peça chave e fundamental. O *paredros* era uma criatura divina, uma *deidade* e alguns textos dos papiros o comparam a deuses, *um ser divino na forma humana*, um anjo ou *daimon* sem característica ou personalidade. O termo *theos* (deus ou deusa) era usado para descrevê-lo nesses textos e o *paredros* também era utilizado para de-

²⁸ Stephen Skinner, *TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC*. Golden Hoard Press, 2014.

²⁹ Na ordem: PGM 1.1-42; 1,42-195; IV.1331-89; IV.1716-1870; IV.1928-2005; IV.20062125; IV.2145-2240; VII.862-918; XI a.1-40; e XII.14-95.

³⁰ A tônica ou direção pela qual a doutrina do *daimon pessoal* na teurgia evolui é completamente distinta da direção que a feitiçaria dos papiros gregos toma. A prática da magia dos papiros gregos é goécia; o feiticeiro dos papiros gregos se relaciona com a pluralidade das formas e o Espírito da Natureza que rege toda essa diversidade de espíritos. O teurgo neoplatônico está mais interessado em se relacionar com o Uno-Bem através de suas emanções superiores, as virtudes do Plano das Ideias e os céus ou planos de luz e perfeição. Quando ele se relaciona com criaturas espirituais menores, *daimones* do reino da geração, estas estão sob o comando e autoridade de uma deidade superior. De outra forma: o feiticeiro (*goês*) conjura um espírito do reino da geração para ser seu *espírito tutelar*, seja a alma de um morto deificada ou espírito da natureza; o teurgo, por outro lado, recebe do Uno-Bem um espírito familiar para o acompanhar no curso de sua encarnação. Esse conceito influenciou profundamente a doutrina moderna do Sagrado Anjo Guardião.

nominar uma deidade em seu contexto e poder. Por exemplo, o *paredros* foi identificado com Eros³¹ (PGM IV. 1716-1870; XII. 14-95) e com o *aghatodaimon*, o *bom-daimon* (PGM XII. 244; IV. 1609 e 1712) dos gregos que acompanhava e protegia um indivíduo, sua família ou casa.

A doutrina mais importante acerca do *paredros* é seu nome secreto, revelado ao feiticeiro após uma interação e pacto de amizade. Saber o nome do espírito tutelar era essencial ao feiticeiro, pois através dele o feiticeiro teria acesso irrestrito ao espírito, assim como autoridade sobre ele. Bastava que ele pronunciasse o nome de seu espírito tutelar para que este se manifestasse pronto a ajudá-lo no que fosse necessário. Dois tipos de nomes podem ser classificados nos papiros: os nomes curtos e de fácil memorização; e os nomes longos que eram fórmulas mágicas conhecidas como *voces magicae*. Estes nomes mais complexos eram compostos de nomes bárbaros de convocação e o nome de alguma deidade (muito provavelmente a deidade que rege o *daimon*). Ambos os nomes eram utilizados para convocar e controlar o espírito tutelar. O nome do espírito tutelar não revelava apenas sua personalidade, mas sua força e poder. Vibrar o nome do espírito também era invocar suas virtudes.

Em um dos textos (PGM XIa 1-40) o feiticeiro conjura um *paredros* na forma humana da deusa Neftis, chamando-a de *senhora da casa*, compelindo-a a servi-lo. Relutante em suportar essa servidão pessoalmente, a deusa se transforma em uma velha, lançou fora o corpo decrepito como a pele descartada de uma serpente e depois se reconstituiu como deusa, deixando a forma da velha de lado. Esta velha é o *paredros* forçado a servir o feiticeiro. Embora o *paredros* assumira uma aparência totalmente humana, sua realidade física é tênue. Nesse papiro a manutenção da forma humana do *paredros* depende de um dispositivo mágico: a deusa dá ao feiticeiro dois dentes, um do seu burro e outro da velha. O mago deve cravar os dentes em ouro e prata e usá-los sempre. Enquanto ele os preservar, o *paredros* mantém sua forma. Se alguma vez ele atirar os dentes no fogo, o *paredros* desaparecerá imediatamente. A velha não é ela mesma uma deusa, mas ela é apresentada como sendo o produto do artifício divino. Como tal, ela pode ser considerada um ser divino. Depois dos deuses, os *paredros* são mais frequentemente identificados como anjos e *daimones* de caráter não especificado. Esses dois tipos de seres ocorrem com frequência nos papiros gregos. O *paredros* é chamado anjo em apenas dois textos, cada um dos quais apresenta uma caracterização diferente. No primeiro, PGM 1.42-195, o termo anjo é usado de forma intercambiável com *theos*, essencialmente como sinônimo, e a palavra não parece ter nenhuma conotação especial. A situação é muito diferente no PGM VI.1.862-918. Aqui o anjo é um ser subordinado que obedece aos mandamentos da deusa Selene. O feiticeiro nem sabe ao certo qual anjo a deusa enviará: ele fornece um catálogo extenso dos nomes de seus anjos e das horas da noite

³¹ Nos papiros gregos Eros é tanto um nome atribuído a uma deidade quanto a estatueta animada da deidade.

em que são designados, mas não sabe ao certo qual deles executará a tarefa para ele. Ele pode esperar os anjos designados para a hora em que ele está realizando seu ritual, mas isso não fica claro. Apesar de seus nomes serem dados, esses anjos carecem de individualidade e são completamente desprovidos de personalidade. O contraste entre os respeitáveis anjos do PGM VI.1.862-918 e a atividade viva do *anjo poderoso* no PGM 1.42-195 não poderia ser mais impressionante. O *anjo poderoso* é um *assistente poderoso, deus dos deuses*, que aparentemente não está sujeito a nenhum poder divino. Isso é enfatizado pelas linhas 13031: *e os deuses concordarão com ele em todos os assuntos, pois além dele não há nada*. Embora o feiticeiro direcione seu feitiço do *paredros* a Helios e Selene, não há indícios de que o *paredros* esteja sujeito ao seu controle.

A diferença entre os dois anjos são ainda mais enfatizadas pelo fato de que o anjo no PGM VII.862-918 nunca é chamado de *theo* ou deus, como o *paredros* no PGM 1.42-195 é repetidamente. Uma comparação desses dois textos revela que o que parece ser um termo simples que designa uma classe de seres divinos pode ter significados divergentes.

O *paredros* é frequentemente identificado como *daimon*, geralmente os *daimones* de pessoas mortas. Existem, no entanto, dois textos, PGM 1.1-42 e IV.1331-89, em que o *paredros* é chamado de *daimon*, o que é claramente algo diferente do espírito comum de uma pessoa morta. Como no caso dos dois textos que destacam funções distintas dos anjos, o termo *daimon* é usado para denotar seres de status diferente. No PGM IV.1331-89, os seres divinos são *assistentes do grande deus, os poderosos principais-daimones*, que executam o que eles desejam antes de apresentar uma tarefa. Como no caso do PGM VII.862-918, o feiticeiro no PGM IV.1331-89 não tem ideia de qual *daimon* realmente executará sua vontade. Ele quer que um dos lacaios da divindade realize sua tarefa; e qualquer um deles o fará. Esses *daimones* são, como os anjos de Selene, seres sem rosto e subordinados, controlados por uma divindade mais poderosa.

No PGM 1.1-42 não é invocado o *daimon* tutelar, mas o *aghatodaimon*, o *bom-daimon*. O termo é usado aqui como título ou nome próprio para o *paredros*, que é equiparado a Anúbis e Orion, embora seu nome mágico individual também seja dado. Ele é um ser poderoso, como proclama o texto: *Você que faz as correntes do Nilo rolarem e se misturarem com o mar [...] você que estabeleceu o mundo em uma base inabalável [...] fundação [...] você que viaja através do polo sob a terra e sobe, respirando fogo*. A multidão de títulos e referências confunde a identidade do *paredros*, mas sua autoridade é inequívoca. Esses quatro textos referentes ao espírito tutelar como anjo ou *daimon* que não é de uma pessoa falecida revelam algumas características do *paredros*. O termo *paredros* é usado para designar seres de diversas classificações na hierarquia divina. Alguns deles são seres poderosos: estes merecem

a denominação *theos*, deuses (divinos). Outros estão subordinados a divindades: esses *paredros* são de classificação mais baixa podem ser denominados anjos ou *daimones*, mas não são chamados *theo*.

Em dois dos textos do mesmo papiro (PGM 1.1-42 e 1.42-195), o *paredros* é identificado com um fenômeno celestial. No PGM 1.30 ele é convocado como *Santo Órion, localizado no norte*. A referência é à constelação de Órion, que é vista como moldando e influenciando a vida em muitos aspectos. O Órion apresentado neste texto pode ser descrito em termos gerais como uma constelação deificada e personificada. A deificação e personificação de Órion nos papiros refletem uma variedade de crenças egípcias e greco-romanas daquele tempo. O *paredros* no PGM 1.42-195 também é identificado como um fenômeno celestial, mas neste contexto ele é mais uma estrela do que uma constelação. Em vez de ser uma constelação específica e nomeada, ele é uma estrela desconhecida e sem nome. Somente quando ele se materializa como anjo e deus é que revela seu nome divino. A identificação do *paredros* no PGM 1.1-42 com Órion serve para estabelecer a natureza cósmica e a extensão de seu poder. Não há outras referências ao aspecto celestial do *paredros* fora deste contexto. A situação é muito diferente no PGM 1.42-195. Aqui a natureza do *paredros* como estrela não é usada para enfatizar seus poderes. Suas habilidades são amplamente descritas em outro contexto, depois que o ritual para produzi-lo foi explicado. Antes, as referências à natureza do *paredros* como uma estrela enfatizam que os céus são o seu lar. O *paredros* se origina dos céus, descendo à terra como uma estrela. Enquanto estiver na terra ele está impaciente para voltar para casa. Sua morada permanente é o ar: quando o mago fala seu nome no ar, ele ouve; e quando o mago morre, o *paredros* leva seu espírito pelo ar. Sua natureza como ser celestial é desenvolvida em uma extensão nunca vista em nenhum outro texto. A imagem é de um ser altamente individual, muito diferente do retrato imponente e rígido do *paredros* como Órion no PGM 1.1-42.

Em quatro dos textos o *paredros* é identificado como *criatura espiritual*. Muitas dessas criaturas espirituais são almas de mortos deificadas. Nos papiros eles parecem ser principalmente, embora não exclusivamente, entidades incorpóreas. Geralmente essas criaturas espirituais ou desencarnadas são os *daimones* dos falecidos. Este é o caso em três dos textos. No PGM IV.1928-2005, o *paredros* é o *daimon* de uma pessoa que sofreu uma morte violenta e no PGM IV.2145-2240, o *daimon* de uma pessoa que sofreu uma morte violenta ou prematura. No PGM IV.20062125, o *paredros* é o *daimon* de uma pessoa cuja maneira e hora da morte não são especificadas. Vale ressaltar que todos esses textos vêm do mesmo papiro e que o *paredros* não é identificado com *daimones* dos mortos em nenhum outro papiro que tenho conhecimento.

O *paredros* é identificado com um tipo mais raro de criatura espiritual no PGM 1.42-195. Aqui ele é chamado de *espírito aéreo*. O mago é, portanto, chamado de *amigo dos espíritos aéreos*. Além de ser chamado de espírito aéreo, ele também é chamado de *o único senhor do ar*. O termo *o único senhor do ar* ocorre novamente nas linhas 180-81, onde não se refere ao *paredros*, mas ao mago após sua morte: *aquele que se juntar a um poderoso assistente entrará no Hades*. A partir desta passagem, fica claro que o mago alimentou esperanças de se tornar um *o único senhor do ar* após sua morte. Em seis dos textos, o *paredros* é identificado não apenas como um tipo de divindade ou criatura espiritual, mas também como uma *sunthēmata* física. Os objetos materiais ou *sunthēmatas* utilizadas como *paredros* assumem uma variedade de formas: dois são crânios,³² um é um falcão mumificado, duas são estatuetas do deus Eros, um dos quais opera em conjunto com uma pedra gravada e um é uma lamela de metal inscrita. Nestes textos, é feita uma distinção entre a fabricação, os procedimentos preparatórios iniciais, a ativação mágica da *sunthēmata* e o uso real do *paredros* para uma finalidade específica.

Um exame das ações mágicas necessárias antes de empregar o objeto físico como um *paredros* ilumina a maneira pela qual elas foram consideradas pelos magos da Antiguidade. No PGM IV. 1928-2995, um dos dois textos que falam do crânio, o feiticeiro entoava *voces magicae* e queima substâncias aromáticas antes de usar as *sunthēmatas* físicas do *paredros*. No PGM IV.2006-2125, o segundo texto sobre o crânio, o mago é instruído a executar três ações antes de usá-lo: entoar *voces magicae*, escrever palavras mágicas e manusear o crânio com fumaça. O PGM 1.1-42, o texto no qual o *paredros* é um falcão mumificado, prescreve uma preparação mais detalhada do que o PGM IV. 1928-2005 ou IV.2006-2125. O mago deve primeiro preparar o falcão através de uma cerimônia de deificação (sacrifício/morte ritualística por afogamento). Depois, ele escreve e pronuncia *voces magicae* e faz uma oferenda de alimentos. Todos esses três textos descrevem procedimentos preparatórios que envolvem a entoação de *voces magicae*, a escrita de palavras mágicas e a manipulação física do objeto com sopro e fumaça. O PGM 1.1-42 envolve a oferenda de alimentos e vinhos, mas não fala de corte de animais. No PGM IV.2145-2240,³⁷ um texto no qual o *paredros* é uma fina folha de metal ou lamela inscrita com versos homéricos, são necessárias duas ações rituais preliminares: uma envolve a imersão da lamela e a segunda envolve ativação da lamela. Nenhum dos procedimentos é descrito em detalhes, embora seja possível inferir através do conhecimento que temos hoje.

A organização do texto sugere que uma cerimônia de batismo deva ser primeiro executada, mas isso não está claro. O procedimento para ativação da lamela parece ser bastante direto. Está descrito no PGM IV.2189-94 da seguinte forma: *tendo entrado em uma sala limpa, monte uma mesa, sobre a qual haverá um pano limpo e flores da estação. Então sacrifique um galo*

³² O crânio de um morto é a melhor *sunthēmata* que existe para operar com espíritos de mortos.

branco e coloque ao lado dele sete bolos, sete bolachas e sete lamparinas. Despeje uma libação de leite, mel, vinho e azeite.

Um objeto semelhante à lamela, uma folha de ouro inscrita, é descrita no PGM IV.1716-1870. Este texto é mais complicado que o PGM IV.2145-2240 porque envolve três *sunthēmatas* diferentes: a folha de ouro, uma pedra magnética inscrita e uma estatueta de Eros. Essas três *sunthēmatas* agem em conjunto um com o outro. Embora sejam mencionados ou descritos procedimentos separados para cada item, o texto forma uma unidade coerente. Nas linhas 1745-47, é dito ao praticante: *use a pedra, quando estiver gravada e dotada de poder, da seguinte maneira*. Nenhum detalhe é dado. No entanto, o procedimento preparatório para a folha de ouro é descrito. Ele envolve escrever uma frase mágica (*voces magicae*), dar a folha a uma perdiz para engolir e matá-la em seguida. A folha de ouro está pronta para uso em conjunto com a pedra e o Eros. O segundo texto sobre Eros, PGM XII.14-95, contém as instruções mais detalhadas para a ativação de uma *sunthēmata* física para o *paredros* encontrado em qualquer um dos documentos. Aqui o praticante deve proferir *voces magicae*, praticar rituais, arrear oferendas ao fogo, manusear a *sunthēmata* e executar um corte animal de pássaro. O sacrifício é descrito da seguinte maneira: *Pegue também no primeiro dia sete criaturas vivas e estrangule-as; um galo, uma perdiz, uma carriça, um pombo, uma rola e dois filhotes que puder encontrar. Não faça holocausto sobre nenhum deles; ao invés disso, pegando-os na sua mão, estrangule-os enquanto os segura no seu Eros, até que cada uma das criaturas seja sufocada e a respiração deles penetre nele. Depois disso, coloque as criaturas estranguladas no altar, juntamente com plantas aromáticas de todas as variedades. No segundo dia, estrangule um pintinho diante de seu Eros e queime-o como uma oferenda inteira. No terceiro dia, coloque outra rola no altar; ao fazer esse ritual, coma o filhote sozinho, sem mais ninguém presente. Se você executar as ações acima de maneira sagrada e pura, terá sucesso total.*

Enquanto a entoação e a escrita de fórmulas mágicas, o arreamento de oferendas e o manuseio das *sunthēmatas* físicas são elementos comuns aos procedimentos preliminares para apropriação do *paredros*, os três objetos que são os restos mortais dos seres vivos, dois crânios e o falcão mumificado, não exigem sacrifício de animais. Somente os *paredros* que são objetos feitos pelo homem, sem conexão com um ser vivo, pedem sacrifício de animais, que em cada caso consiste em um ou mais pássaros. A presença ou ausência de um sacrifício de animais pode apontar para uma diferença subjacente na concepção entre *paredros* que são objetos feitos pelo homem e aqueles que são os restos parciais de um ser anteriormente vivo. Eu sugeriria que quando um objeto mágico tem sua origem no que antes era um ser humano ou animal, ele é considerado intrinsecamente mágico e dotado de substância espiritual. O objetivo de rituais e feitiços preliminares nesse caso é aproveitar esse poder sobrenatural, em vez de dotar o objeto de um poder que ele

não possuía anteriormente. Objetos feitos pelo homem, como a lamela de metal, as duas estatuetas do deus Eros e a pedra magnética gravada e a folha de ouro que atuam em conjunto com a imagem do deus, carecem dessa conexão inerente a uma fonte de poder sobrenatural. A função do ritual de sacrifício é estabelecer um vínculo entre o objeto e uma fonte de poder mágico. Um ritual elaborado de sacrifício de animais é o meio que fornece essa conexão. O ritual é descrito mais detalhadamente no PGM IV.1716-1870, XII.14-95 e XII.270-350. O sacrifício de animais dota o objeto mágico de sentidos, inteligência e mobilidade. Uma vez animado pela realização de ações rituais prescritas, o objeto criado pelo homem é visto como magicamente potente, quando se torna uma *sunthēmata*. Agora está pronto como um veículo ideal ao *paredros* para receber e executar as instruções do mago.

Embora seja possível distinguir as várias facetas de cada *paredros* como divino ou ser espiritual, fenômeno celestial e objeto físico, os aspectos são relacionados e complementares. Em dois casos, PGM IV.1716-1870 e XII.14-95, o *paredros* é ao mesmo tempo o deus Eros e um objeto físico. O objeto a ser fabricado é, nos dois casos, uma imagem de Eros, uma estatueta de madeira no PGM IV.1716-1870, que deve ser empregada em conjunto com uma pedra gravada com figuras de Eros, Afrodite e Psique e uma imagem feita de cera e plantas aromáticas em XII. 14-95. Os dois textos PGM IV. 1716-1870 e XI.14-95 formam um par no qual os aspectos do *paredros* descritos em cada um correspondem. Os *paredoi* no PGM IV.1928-2005 e IV.2006-2125 também têm dois aspectos, mas nesses textos eles são um crânio e um *daimon* de uma pessoa morta, ao invés de um deus e uma estatueta. Em um texto, PGM IV.1928-2005, o *paredros* é o *daimon* de uma pessoa que sofreu uma morte violenta. No outro texto, PGM IV.2006-2125, esse detalhe não é especificado. As semelhanças entre esses dois textos devem ser consideradas à luz de sua relação textual uma com a outra: elas ocorrem consecutivamente no mesmo papiro e, portanto, parecem refletir duas versões diferentes de um procedimento semelhante. Dois textos são interpostos entre PGM IV.2006-2125 e o próximo texto, IV.2145-2240. Vale ressaltar seu caráter: o PGM IV.2125-39 contém instruções para restringir crânios inadequados e impedir que eles falem ou façam algo semelhante, e o IV.2140-44 contém instruções para interrogar cadáveres. Esses documentos dão instruções para práticas que envolvam restos humanos.

No PGM IV.2145-2240 o *paredros* tem novamente dois aspectos: o *daimon* de uma pessoa morta e um objeto material. Como no PGM IV. 1928-2005, o *daimon* pode ser o de uma pessoa que sofreu uma morte violenta, mas, neste caso, outra opção também é dada: o *daimon* de uma pessoa que sofreu uma morte prematura também pode ser usado. O objeto empregado também é diferente daquele dos dois textos anteriores: em vez de crânios, são usados versos homéricos inscritos nas lamelas. Os dois objetos têm poucas semelhanças aparentes, embora o texto pareça refletir as mesmas crenças sobre o

paredros observados no PGM IV.1928-2005 e IV.2006-2125. Os dois textos nos quais o *paredros* é o mais complexo, PGM 1.1-42 e 1.42-195, também apresentam várias semelhanças entre si. Note que, como no PGM IV. 1928-2005, IV.2006-2125 e IV.2145-2240, esses textos ocorrem no mesmo papiro. Sua proximidade física torna seus paralelos estruturais mais perceptíveis e sugere que eles também podem ter uma origem comum ou serem variantes um do outro. Nos dois textos, o *paredros* é chamado de *Theo* e é identificado com um fenômeno celestial: no PGM 1.1-42 a constelação de Órion e em 1.42-195 uma estrela não especificada. Os dois aspectos do *paredros* como deus e como fenômeno celestial estão intimamente paralelos nesses textos. Os *paredros* em cada instância também são identificados com outros seres divinos, mas as identificações não são diretamente comparáveis. Em 1.1-42, o *paredros* é tratado como *aghatō-daimon* e em 1.42-195 como *anjo* e um espírito aéreo. Embora a natureza exata desses seres não seja especificada, eles claramente podem ser considerados seres divinos ou espirituais de um tipo e eu sugeriria que as elaborações sobre a natureza do *paredros* como um ser divino ou espiritual nos dois textos são equivalentes estruturais.

O paralelismo é mais difícil de detectar no quarto aspecto do *paredros* no PGM 1.1-42, que de um falcão mumificado. Como observado anteriormente, o falcão morto pode ser considerado um objeto que já foi um ser animado. Não há paralelo aparente para um objeto físico como um dos aspectos do *paredros* no PGM 1.42-195. Não é o aspecto do falcão como um objeto físico que é importante aqui, mas sua natureza como um ser vivo, o que nos fornece uma base de comparação com o PGM 1.42-195.

Os textos que mencionam o *paredros* como espírito aéreo sugerem que ele pode, em alguns casos, ser o espírito de uma pessoa falecida. Se isso for exato, o PGM 1.1-42 e 1.42-195 descreveriam um *paredros* identificado com uma criatura anteriormente viva, embora em um caso seja um animal e no outro um ser humano. Isso é, no entanto, especulativo. O que pode ser dito com certeza é que ambos os textos descrevem um *paredros* que tem quatro aspectos, e que dois deles, como deus e como fenômeno celestial, são os mesmos. Consideração das semelhanças superficiais nos aspectos das identidades do *paredros* sugere que existem paralelos categóricos mais profundos sob a superfície. Esses paralelos categóricos formam padrões reconhecíveis. Esses padrões incluem o *paredros* como um deus e como uma representação física de um deus; os *paredros* como restos físicos parciais de uma pessoa morta e como *daimon* de uma pessoa morta; e o *paredros* como um deus, fenômeno celestial e objeto físico. Uma série de fórmulas que determinam as características do *paredros* parece estar por trás dos textos como os temos. É evidente que existem diferentes tipos de *paredros*, e que cada tipo é considerado como possuindo certas partes necessárias. Podemos pensar nos diferentes tipos de *paredros* como as várias declinações de substantivos em um idioma. Podemos descobrir os finais dos casos, neste caso as categorias mais

amplas que abrangem os vários aspectos de cada *paredros*, para algumas das declinações. Mas não sabemos quantas declinações, ou diferentes tipos básicos de *paredros* houve. É provável que, se possuíssemos mais textos sobre o *paredros*, outros tipos básicos de *paredros* se tornariam claros, e então os textos que atualmente parecem apresentar *paredros* anômalos, como PGM XIa.1-40, seriam variações de uma fórmula consistente. Os PAPIROS MÁGICOS GREGOS exibem consistência interna e caráter formulado. Isso tem sido frequentemente observado no uso de expressões fixas, tanto nas instruções para o praticante quanto nos próprios feitiços. Minha consideração da natureza do *paredros* confirma essa impressão. As variações entre textos de *paredros* semelhantes parecem ser versões diferentes do mesmo conto, em vez de histórias completamente diferentes. Uma estrutura abrangente.

Até aqui nós destacamos as inúmeras funções do *paredros* ou *espírito tutelar* da *Arte Notória* na magia greco-egípcia dos papiros. Essas funções atribuídas ao *paredros* nos papiros inspirou e alimentou o desenvolvimento das ideias modernas acerca do Sagrado Anjo Guardião e como podemos perceber, elas são herdadas das culturas que alimentam a tradição hermética de mistérios e a magia hermética dos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS.

A tradição salomônica iniciada com O TESTAMENTO DE SALOMÃO nos primeiros séculos de nossa era fez amplo uso da doutrina do *paredros*. Um texto de 1700, SEPPER MAPHTEAH SHELOMOH, descrevendo a *Operação de Simão o Mago*, menciona: *Essa operação foi ensinada por um demônio que se colocou a serviço do escritor, ensinando-o os procedimentos.*³³ Uma vez que a tradição da magia ritual no Ocidente trata-se de uma corrente com elos desaparecidos devido a séculos de perseguições, os magos da Idade Média eram empenhados na ideia em aprender diretamente com espíritos.

O *paredros* esteve ausente das concepções mágicas dos magos bizantinos na Idade Média; por conta disso ele não aparece no HYGROPMANTEIA, mas já está presente nos grimórios salomônicos. Posteriormente essa ideia retorna com força total na doutrina do *espírito familiar*, tratando-se de um dos aspectos mais importantes da carreira mágica, pois ele serve como principal auxiliar do mago e seu intercessor no mundo dos espíritos. Inúmeros demônios da goécia são listados como criaturas adequadas para apropriação de bons familiares. Entre os judeus o espírito tutelar é o *golem* e entre as feiticeiras o familiar que se alimenta do sangue de seus dedos. Mitos como os de São Cipriano, Fausto e Simão o Mago são histórias recheadas com essa doutrina mágica: a assistência espiritual de um espírito. Toda essa herança mágica dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS e a doutrina do *paredros* está cristalinamente preservada feitiçaria tradicional brasileira, a Quimbanda. Para um *kimbanda* experiente, as técnicas de feitiçaria delineadas nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS são facilmente reconhecíveis, porque elas são muito similares a tudo

³³ Stephen Skinner. TECHNIQUES OF SOLOMONIC MAGIC. Golden Hoard Press, 2017.

o que executamos na prática na Quimbanda. A descrição modesta de alguns desses procedimentos mágicos citados acima demonstra isso.

Para encerrar essa seção, o tópico que segue é uma revisão das associações que estamos construindo entre o *paredros* dos papiros e o Exu da Quimbanda.

O PAREDROS & O EXU TUTELAR

Para iniciarmos a presente discussão vamos começar pelas definições: **1.** o *paredros* é *qualquer* espírito tutelar, seja um espírito da natureza, a alma deificada de um morto ou deidades diversas, que incluem deuses e demônios;³⁴ **2.** o *Exu/Pambagira* tutelar é um ancestral, a alma de um morto deificada, dotada de sabedoria e poder de magia.

No *Curso de Filosofia Oculta*, no nosso primeiro ano de estudo, *Módulo 1: Magia na Antiguidade*, nós estamos nos debruçando sobre os primórdios da magia goécia como compreendida e praticada na Antiguidade tardia e cujo epicentro foi a magia hermética dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Nas primeiras lições nós chamamos atenção para a grande similaridade que existe entre a magia dos papiros e as técnicas de feitiçaria crioula da África Setentrional.³⁵ Nos primeiros séculos de nossa era, a região do Mediterrâneo tornou-se um caldeirão fervilhante onde as culturas mágico-religiosas do Egito, Grécia e Roma se encontraram com as culturas da Suméria, Babilônia, Acádia e Assíria. Todas essas culturas e cultos mágicos influenciaram profundamente a magia hermética dos papiros, que apresenta uma feitiçaria tipicamente goética: a conjuração de espíritos para diversos fins.

Em nossos estudos sempre defendo a feitiçaria tradicional brasileira como uma herdeira genuína da feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, via influência europeia e africana. E como vimos nas primeiras edições da *Revista Nganga*, esse estilo de vida goético que culminou na feitiçaria tradicional brasileira chegou ao Brasil via Portugal no Séc. XVI, quando as primeiras feitiçarias condenadas e exiladas pelo Santo Ofício começaram a aportar em nossas terras, junto a grande carga de negros africanos escravizados. A magia ibérica daquele período já trazia uma grande influência da magia dos papiros, que cruzava sistemas e tradições livremente, onde vemos cristianismo, judaísmo e paganismo greco-egípcio misturados em feitiços diversos. Por outro lado, a feitiçaria africana foi profundamente influenciada pelo con-

³⁴ Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS a alma de um defunto conjurada como espírito tutelar é identificada como *paredoi*. Veja subseção anterior. O termo *daimon* no fim da Antiguidade tardia, período dos papiros, é utilizado também para uma ampla gama de criaturas espirituais. Veja *Revista Nganga* No. 5.

³⁵ Muito pouco é dito sobre isso: todo conhecimento arcano de magia da civilização egípcia escoou para as diversas tribos africanas após o seu colapso. Toda influência mágica que recebemos da África no Brasil tem sua gênese na magia e feitiçaria dos egípcios. Esse é um dos motivos pelos quais existe uma profunda similaridade entre as técnicas de feitiçaria dos papiros e a feitiçaria africana. Essa é também outra ponte de conexão entre a feitiçaria da Quimbanda e as fórmulas mágicas dos papiros.

tingente arcano que escoou do Egito no fim de sua civilização. Tanto pela cultura mágica europeia quanto pela cultura mágica africana, o Brasil tornou-se repositório de uma vasta sabedoria ancestral e mágica do Mundo Antigo.

A Quimbanda, se a considerarmos a Macumba, vem dessa miscigenação mágica, deste berço. Um dos fatores de equivalência entre a feitiçaria dos papiros e a feitiçaria tradicional brasileira está na doutrina do *paredros*, o espírito tutelar. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS são listados tipos distintos de espíritos assistentes, dentre eles o *paredoi*, o espírito tutelar da alma de um defunto, quer dizer, um *ancestral*.

Na *genuína* tradição da magia, uma das etapas preliminares da carreira mágico-iniciática é o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar, pois é dele que provem todo poder e conhecimento que o mago apresenta possuir. Ao mesmo tempo que ele é um instrutor espiritual, também é um guardião, agente de destruição, de prosperidade material e, principalmente, de salvação: o feiticeiro da Antiguidade era profundamente preocupado com a deificação de sua alma. Obter o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar, portanto, resolveria todos os seus problemas. Nessa última subseção vamos comparar o papel do *paredros* com o Exu tutelar da Quimbanda.

Para compararmos o *paredros* dos papiros – especialmente o *paredoi* – ao Exu da Quimbanda, temos que voltar um pouco no tempo, na Grécia do período clássico, e avaliar a relação que se estabeleceu entre os homens e os *mortos sem descanso*, os *nekydaímōnes*, bem como o papel do feiticeiro capaz de convocá-los. Até o renascimento da cultura grega no período de Homero e o fim da civilização micênica, os mortos não ofereciam grandes preocupações aos gregos. Eles eram enterrados nas propriedades das famílias; mas com o surgimento das grandes cidades (*pólis*) e a intensificação do comércio entre os gregos e as culturas do Oriente, que tinham uma visão distinta sobre a atuação dos mortos na vida das pessoas, começou a nascer uma preocupação sobre a presença dos mortos e suas ações entre os vivos. Foi quando se iniciou a prática de enterrá-los fora dos muros da cidade, e não mais nas propriedades dos parentes. Com essa nova prática ouve uma redução expressiva dos ritos funerários, essenciais ao descanso dos mortos no pós-vida. O distanciamento entre os vivos e os mortos, agora enterrados fora das cidades, somada às ideias trazidas de culturas orientais sobre a atuação dos mortos no cotidiano dos vivos nas colônias gregas estabelecidas no leste do mar Egeu, fez surgir o *gōes* grego, o feiticeiro necromante que oferecia seus serviços mágicos àqueles que acreditavam estarem sendo prejudicados pelos mortos ou que necessitavam da ajuda de um especialista para encaminhar e apaziguá-los no pós-vida. Platão (428-348 a.C.) no Séc. IV a.C. teceu duras críticas ao *gōes*:

Mas quanto a todos aquele que se tornaram como feras e que, além de sustentar que os deuses são negligentes ou subornáveis, desprezam os seres humanos fascinando as almas de muito indivíduos vivos e afirmando que evocam as almas dos mortos, e até são capazes de seduzir os deuses enfeitando-os, por assim dizer, mediante sacrifícios, orações e operações mágicas, e que tentam assim arruinar completamente não apenas indivíduos, como também famílias e Estados inteiros por dinheiro – se algum desses indivíduos for declarado culpado, a corte ordenará que seja aprisionado de acordo com a lei na prisão situada no meio do território, ordenando adicionalmente que nenhum homem livre jamais se aproxime de tal criminoso em momento algum e que recebam dos servos uma ração de alimento segundo fixado pelos guardiões das leis. E aquele que perecer será arrojado além das fronteiras do território sem sepultamento; e se algum homem livre ajudar no seu sepultamento, estará sujeito a uma acusação de impiedade nas mãos de qualquer pessoa que quiser processá-lo.³⁶

Acima Platão revela duas coisas sobre o ofício necromântico do *gōes*: ele era capaz de conduzir as almas (psicagogia) e persuadir os deuses através de orações, sacrifícios e cânticos. Sarah Iles Johnston propõe, ao analisar essa passagem de Platão, que a *goécia* grega pretendia ter o controle sobre a alma de um morto convencendo, primeiro, alguma divindade ctônica como Hécate para tutelar a operação.³⁷ Isso é confirmado por Porfírio de Tiro (234-304 d.C.), ávido crítico do trabalho necromântico do *gōes*. Ele descreve a *goécia* grega como uma prática destinada a convocação de maus espíritos, sendo estes a alma de mortos ou criaturas ctônicas sob o comando de Serapis e Hécate.³⁸ Platão expande essa ideia em outro diálogo:

Por seu lado, sacerdotes mendigas e adivinhos vão às podas dos ricos e os convencem de que obtiveram dos deuses o poder de reparar as faltas que eles ou os seus antepassados cometeram, por meio de sacrifícios e encantamentos, com acompanhamento de prazeres e festas; se se quer prejudicar um inimigo por uma módica quantia, pode-se causar dano tanto ao justo como ao injusto, por intermédio das suas evocações [*epagogais* – enviar espíritos] e fórmulas mágicas [*katadesmois* – confecção de tábuas de maldição], dado que, segundo afirmam, convencem os deuses a se colocarem a seu serviço.³⁹

Nessa passagem Platão revela que o *gōes* oferece serviços mágicos diversos como a confecção de tábuas de maldição, confirmando que a *goécia* naquele período era uma prática mágica que oferecia um meio de vida, uma profissão. Isso viria a se confirmar já na época neotestamentária e primórdios da

³⁶ Platão. AS LEIS, Livro X. Edipro, 2010.

³⁷ Sarah Iles Johnston, RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE. University of California Press, 1999.

³⁸ É interessante notar que na *interpretatio romana* da *goécia* grega, quando ela toma a forma pela qual veio a ser conhecida nos grimórios medievais da Europa e posteriormente chegou a influenciar a Quimbanda, o comando dos maus espíritos passa a ser chancelado pela autoridade de Beelzebuth. Eusébio de Cesareia (265-339 d.C.), o pai da história da igreja, como é conhecido, ao citar as alegações de Porfírio sobre a *goécia*, diz: *E quem o poder que os preside acontece de ser, será esclarecido novamente pelo mesmo autor, que diz que os governantes dos demônios maléficos são Serapis e Hécate, mas a escritura sagrada diz Beelzebuth*. Veja Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

³⁹ Platão. A REPÚBLICA. Edipro, 2019. Em outra passagem de AS LEIS (Livro II), Platão cita o uso de imagens de cera utilizadas pelos feiticeiros e que eram deixadas *nas soleiras das portas, quer nas encruzilhadas, ou talvez na sepultura de algum ancestral*. Novamente em A REPÚBLICA, Platão fala sobre o papel do espírito tutelar, identificado como o *grande daimon*, dizendo que *através dele são transmitidas todas as adivinhações e ofícios sacerdotais relativos ao sacrifício, ao ritual e encantamentos, toda feitiçaria*. A palavra *feitiçaria* usada por Platão nessa passagem é *goêteia*, associando o *daimon* definitivamente ao exercício da *goécia*.

magia salomônica com a prática dos exorcismos, no mesmo período dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, clareando o duplo-papel do feiticeiro (*gōes*): àquele que tem o poder de resolver os problemas causados por maus espíritos, também tem o poder de causar problemas usando os espíritos.⁴⁰ Por conta disso o feiticeiro necromante tornou-se um proscrito; sua presença era ameaçadora porque os gregos agora tinham duas preocupações: as perturbações causadas pelos mortos sem descanso, mas também os ataques espirituais encomendados por um rival. Desde a época dos poemas homéricos até o período clássico acreditava-se que os mortos interagiam com os vivos em circunstâncias específicas, quando não eram enterrados, por exemplo, sempre através de sonhos ou visões. Mas com a possibilidade de se convocar os mortos sob quaisquer motivos, principalmente para prejudicar alguém, tanto eles como o feiticeiro capaz de controlá-los tornaram-se fonte de muitos problemas.⁴¹

Para que os mortos pudessem ser encaminhados no pós-vida era necessário a presença de um especialista que pudesse conduzi-los. Esse especialista se valia de inúmeras técnicas mágico-religiosas como purificações, oferendas, libações, preces e lamentações fúnebres, e também tecnologias especiais como as tábuas de maldição, utilizadas ostensivamente até o fim da Antiguidade no Império Romano. Nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS há um exemplo de uso de uma tábua de maldição cujo objetivo era abjurar o espírito de um morto em um feitiço de dominação sexual (PGM IV. 296-466) chamado *feitiço maravilhoso para prender um amante*. A tábua de maldição deveria ser confeccionada sobre uma folha de chumbo a ser colocada dentro da tumba de algum falecido que tenha morrido cedo ou violentamente. É dessa maneira que se desenvolveu a prática da goécia grega cujo objetivo era despertar um *morto sem descanso* para que pudesse realizar os desejos do conjurador ou de seu cliente. Até aqui você pode perceber que o que nós fazemos na Quimbanda, o exercício da demanda,⁴² não é distinto daquilo que um *gōes* grego fazia na Antiguidade, e que a feitiçaria dos papiros está muito próxima da feitiçaria tradicional brasileira.

Feito essa retrospectiva histórica, podemos nos debruçar sobre a similaridade entre o *paredros* e o Exu tutelar. Até aqui nós observamos que a busca pela sabedoria e poder do Exu tutelar o *kimbanda* se coloca na mesma jornada do feiticeiro dos papiros gregos; uma jornada que é universal, típica da tradição da magia em culturas diversas. E como estudamos anteriormente na *Revista Nganga*, o mito de São Cipriano expressa essa busca genuína de todo mago. Ao avaliarmos as funções do *paredros* e sua relação com o feiticeiro nos papiros (PGM I.42-195), temos:

⁴⁰ Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

⁴¹ Sarah Iles Johnston, RESTLESS DEAD: ENCOUNTERS BETWEEN THE LIVING AND THE DEAD IN ANCIENT GREECE. University of California Press, 1999.

⁴² A palavra *demanda* aparece nas tábuas de maldição latinas como *dēmandāre*, na mesma conotação que utilizamos hoje. Veja Humberto Maggi. GOETIA: HISTÓRIA & PRÁTICA. Clube de Autores, 2020.

1. Poder de causar invisibilidade.
2. Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.
3. Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.
4. Poder de elevar o mago aos céus.⁴³
5. Poder de conferir ao mago riquezas.
6. Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.
7. O *paredros* torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.
8. O *paredros* revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.
9. O *paredros* executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.
10. O *paredros* é um espírito aéreo, deslocando-se de um canto ao outro da Terra.
11. O *paredros* é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.
12. O *paredros* se apresenta com espíritos para auxiliar o mago.⁴⁴

Muitas dessas funções atribuídas ao *paredros* como espírito tutelar podem ser relacionadas ao Exu tutelar da Quimbanda:

1. *Poder de causar invisibilidade.* O Exu tutelar protege o *kimbanda* com sua capa e tridente, escondendo-o e ocultando-o de seus inimigos e desafetos.
2. *Poder de libertar uma pessoa de amarras na prisão e abrir portas.* O Exu tutelar protege o *kimbanda* de prisões físicas ou psico-sociais, libertando-o. Há muitas rezas de Exu para esse tipo de problema.
3. *Poder de mudar a forma do mago para animais que voam, quadrúpedes e répteis.* Exu pode se metamorfosear em muitas formas. Este poder pode ser transferido ao *kimbanda* que pode a partir disso metamorfosear seu *ochēma*,⁴⁵ tomando a forma de seus animais de poder.⁴⁶
4. *Poder de elevar o mago aos céus.* Era uma crença na Antiguidade que o *paredros* poderia auxiliar o mago na deificação de sua alma. Exu auxiliava na deificação da alma do *kimbanda*.
5. *Poder de conferir ao mago riquezas.* Os Exu pode auxiliar o *kimbanda* a obter conforto financeiro.

⁴³ Neste caso, elevar no ar significa levar a alma do mago para longe do cativeiro do submundo após a morte, quer dizer, deificar a sua alma.

⁴⁴ Observe que muitas dessas funções do *paredros* foram transmitidas aos demônios dos grimórios medievais e já podem ser percebidas em O TESTAMENTO DE SALOMÃO. Veja Humberto Maggi. *O Bom Amigo de Fausto* em CIÊNCIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

⁴⁵ O veículo pneumático da alma, popularmente conhecido como *corpo astral*.

⁴⁶ *Animais de poder* é um termo que se popularizou no xamanismo urbano, carregado de fantasia. No contexto da feitiçaria, *animais de poder* são os animais sacrificados pelo feitiçeiro, que os deifica no momento do sacrifício, fazendo deles espíritos familiares.

6. *Poder de ser adorado como um deus caso o mago tenha com esse deus certa intimidade.* Essa é uma crença baseada na ideia de que o *paredros* compartilha de seus poderes com o mago. Na Antiguidade, feitos taumatúrgicos conferiam notoriedade, daí *ser adorado como um deus*. Exu compartilha de suas virtudes com o *kimbanda* para que ele adquira notoriedade.
7. *O paredros torna-se o companheiro do mago, vive, come e dorme com ele.* Ao assentar Exu, o *kimbanda* traz o espírito da legião para morar com ele. O espírito torna-se, portanto, um *familiar*.
8. *O paredros revela com clareza tudo o que o mago precisa saber.* O Exu trabalha diretamente com o *kimbanda* através do oráculo revelando o que ele necessita.
9. *O paredros executa qualquer tarefa que o mago lhe apontar.* O Exu auxilia e socorre o *kimbanda* quando este necessita, seja para fins de alquimia na alma ou magia de ataque e defesa.
10. *O paredros é capaz de se manifestar como um animal aéreo ou aquático, réptil ou quadrúpede.* Veja no. 3 acima.
11. *O paredros se apresenta com espíritos para auxiliar o mago.* Exu se apresenta com uma legião de Exus e *égún* para auxiliarem nas demandas do *kimbanda*.

Soldo: o Exu tutelar da Quimbanda seria o típico *paredoi*, espírito tutelar ancestral dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Por tudo o que vimos até aqui, é nítida a semelhança entre a feitiçaria da macumba brasileira e o *modus operandi* dos papiros gregos. As técnicas de feitiçaria são universais, e mudam pouca coisa de cultura para cultura. Na época dos papiros houve uma intensa troca cultural que envolveu os povos africanos, incluindo os egípcios, greco-romanos e orientais. Todos se influenciando mutuamente. Na África, por exemplo, os malês ou mandingas foram profundamente influenciados pelo islã e muito da feitiçaria que eles trouxeram ao Brasil continha forte influência islâmica.

Táta Nganga Kamuxinzela (Fernando Liguori)

Cova de Cipriano Feiticeiro

<https://www.instagram.com/tatakamuxinzela/>

BIBLIOGRAFIA

- BETZ, Hans Dieter. *The Greek Magical Papyri in Translation*. The University of Chicago Press, 1996.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Vozes, 2014.
- CECCHETELLI, Michael. *The Book of Abrasax*. Nephilin Press, 2012.
- CONNER, Robert. *Jesus the Sorcerer: Exorcist & Prophet of the Apocalypse*. Mandrake, 2006.
- _____. *Magic in Christianity: From Jesus to the Gnostics*. Mandrake, 2014.
- DAVID, Rosalie. *Religião e Magia no Antigo Egito*. DIFEL, 2002.
- EDMONDS III, Radcliffe G. *Drawing Down the Moon: Magic in the Ancient Greco-Roman World*. Princeton University Press, 2019.
- FARAONE, Christopher A. *Ancient Greek Love Magic*. Harvard University Press, 1999.
- FLOWERS, Stephen Edred. *Hermetic Magic*. Weiser Books, 1995.
- GANGER, John G. *Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*. Oxford University Press, 1992.
- GIORDANI, Mário Curtis. *História da Grécia*. Vozes, 1967.
- JANOWITZ, Naomi. *Icons of Power: Ritual Practice in Late Antiquity*. The Pennsylvania State University Press, 2002.
- JOHNSTON, Sarah Iles. *Restless Dead: Encounter between the Living and the Dead in Ancient Greece*. University of California Press, 1999.
- LAMBERT, Yves. *O Nascimento das Religiões: da pré-história às religiões universalistas*. Edições Loyola, 2007.
- LISIEWSKI, Joseph C. *Howlings from the Pit: A Practical Handbook of Medieval Magic, Goetia & Theurgy*, Falcon Press, 2011.
- LOPES, Nei. *Bantos, Malês e Identidade Negra*. Autêntica, 2006.
- KINGSLEY, Peter. *Ancient Philosophy, Mystery, and Magic: Empedocles and Pythagorean Tradition*. Claredon Press, 2008.

- LUCK, Georg. *Arcana Mundi: Magic and the Occult in the Greek and Roman Worlds*. The John Hopkins University Press, 2006.
- MAGGI, Humberto. *Goetia: História & Prática*. Clube de Autores, 2020.
- _____. *Scientia Diabolicam*. Clube de Autores, 2018.
- MIERZWICKI, Tony. *Greco-Egyptian Magic*. Inmanion Press, 2006.
- OGDEN, Daniel. *Greek and Roman Necromancy*. Princeton University Press, 2001.
- _____. *Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman Worlds*. Oxford University Press, 2009.
- PLAISANCE, Christopher A. *Evocating the Gods: Divine Evocation in Graeco-Egyptian Magical Papyri*. Avalonia, 2019.
- RAMPTON, Martha. *Trafficking with Demons: Magic, Ritual and Gender from Late Antiquity to 1000*. Cornell University Press, 2021.
- SKINNER, Stephen. *Techniques of Graeco-Egyptian Magic*. Golden Hoard Press, 2014.
- _____. *Techniques of Salomonic Magic*. Golden Hoard Press, 2017.
- TERRA, João Evangelista Martins. *O Deus dos Indo-Europeus: Zeus e a Proto-Religião dos Indo-Europeus*. Edições Loyola, 2001.
- ZAIMAN, Louise Bruit. *Os Gregos e seus Deuses*. Edições Loyola, 2005.
- WATSON, Lindsay C. *Magic in Ancient Greece and Rome*. Bloomsbury Academic, 2019.
- WOLF, Heidi Marx. *Spiritual Taxonomies and Ritual Authority: Platonists, Priests and Gnostics in the Third Century C.E.* PENN, 2016.